



MEIRE LUIZA DE CASTRO

***MANUAL DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES PARA
IDENTIFICAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ATENDIMENTO ÀS
CRIANÇAS DE ALTO POTENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL***



**GOIÂNIA
2020**

MEIRE LUIZA DE CASTRO

**MANUAL DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES PARA
IDENTIFICAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ATENDIMENTO
ÀS CRIANÇAS DE ALTO POTENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção para o título de Mestre (a) em Ensino na Educação Básica

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Orientador (a): Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos

GOIÂNIA
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Castro, Meire Luiza de

Manual de capacitação de professores para identificação e práticas pedagógicas de atendimento às crianças de alto potencial na Educação Infantil [manuscrito] / Meire Luiza de Castro. - 2020.
60 f.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso Stricto Sensu (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2020.

Bibliografia.

1. Altas Habilidades/Superdotação. 2. Manual. 3. Formação continuada de professores. I. Santos, Wanderley Alves dos, orient. II. Título.

CDU 376

Ata de Defesa da Dissertação e do Produto Educacional (Fornecido pela
Secretaria do PPGEEB)

REGISTRO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma EduCAPES, sob o título **MANUAL DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES PARA IDENTIFICAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ATENDIMENTO ÀS CRIANÇAS DE ALTO POTENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, com acesso disponível no link:

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582643>

*Nenhuma criança nasce superdotada –
apenas com potencial para superdotação.
Embora todas as crianças tenham potencial,
apenas aquelas que têm a sorte de terem
oportunidades para desenvolver suas
singularidades em um ambiente que responda
a seus padrões e necessidades particulares
serão capazes de atualizar suas
habilidades a níveis elevados.*

(Barbara Clark)

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 INTRODUÇÃO	8
3 PLANO DE AÇÃO	10
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO MINICURSO	11
5 FUNDAMENTOS E TÓPICOS IMPORTANTES	11
5.1 O QUE SÃO ALTAS HABILIDADES? O QUE É SUPERDOTAÇÃO?	12
5.2 QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO?	15
5.3 COMO DEVE SER O ATENDIMENTO ÀS CRIANÇAS COM AH/SD? QUAIS SÃO SEUS DIREITOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL?	18
6 ROTEIRO DO 1º MÓDULO	21
7 ROTEIRO DO 2º MÓDULO	24
8 ROTEIRO DO 3º MÓDULO	30
9 MATERIAIS DE APOIO	34
9.1 TEXTO TRABALHADO NO PRIMEIRO MÓDULO	34
9.2 FICHA DE INDICADORES PARA PROFESSORES - PRIMEIRO MÓDULO	42
9.3 PRIMEIRO TEXTO TRABALHADO NO SEGUNDO MÓDULO.....	43
9.4 SEGUNDO TEXTO TRABALHADO NO SEGUNDO MÓDULO.....	54
9.5 TERCEIRO TEXTO TRABALHADO NO SEGUNDO MÓDULO	56
9.6 TEXTO TRABALHADO NO TERCEIRO MÓDULO	58
9.7 RECURSOS ON-LINE	60
9.8 MATERIAIS ADICIONAIS	60
REFERÊNCIAS	61

1 APRESENTAÇÃO

Este Manual foi elaborado ao longo da pesquisa “A SUPERDOTAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL” desenvolvida pela professora pesquisadora Meire Luiza de Castro, sob orientação do Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos, durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica na Universidade Federal de Goiás (UFG). Em observações desenvolvidas no Departamento de Educação Infantil (DEI) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da UFG durante a pesquisa-ação percebeu-se que as professoras da Educação Infantil têm pouca vivência da temática das crianças com alto potencial, ou com indicadores de altas habilidades/superdotação (AH/SD). Uma vez que essas crianças são parte do público-alvo da Educação Especial, foi realizado um minicurso e elaborou-se esse produto como Manual de capacitação a professores para reconhecer e acompanhar as crianças com AH/SD na Educação Infantil. O objetivo deste referido Manual é capacitar os professores no reconhecimento dos indicadores de AH/SD, das necessidades educacionais específicas e das possibilidades de atendimento educacional especializado e, assim, contribuir para a formação continuada de professores.

Palavras chave: Altas Habilidades/Superdotação; Manual; Formação continuada de professores.

2 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de estudos diversos da pesquisadora na área da superdotação infantil permeados por experiências da jornada profissional que revelou a dificuldade que pais e professores têm de atender às Necessidades Educacionais Especiais (NEE) de seus filhos/alunos com indicadores de superdotação. Infelizmente, ainda é comum no meio educacional a criança com alto potencial ser rotulada como uma criança com dificuldade nisso ou naquilo, de forma a tentar descaracterizar sua expertise aprimorada em outras áreas. De fato, há ainda um desconhecimento das assincronias existentes nesse grupo específico, pois ao mesmo tempo em que desenvolve, em algumas áreas, capacidades elevadas, podem apresentar um desenvolvimento assíncrono, isto é, fora do ritmo.

Nesse sentido, uma criança pequena pode aprender a ler, a escrever e a contar antes dos quatro anos de idade e, ao mesmo tempo, apresentar dificuldades em regular as próprias emoções e menor desempenho de habilidades motoras que seus pares. Isso não descarta a superdotação, mas a caracteriza. A esse respeito, Guenther (2006, p. 37) afirma:

A prática registra observações de professores que “se esse aluno é dotado, como é que não consegue fazer (isso ou aquilo). Os alunos assimilam essas observações de seus professores — bem-intencionados que sejam —, o que semeia dúvidas e traz insegurança em relação a própria capacidade. (GUENTHER, 2006, p. 37)

Diante dessa problemática, esse trabalho tem por objetivo prestar esclarecimentos sobre o desenvolvimento assincrônico, propor sugestões de atividades para identificação dessas crianças dentre seus pares e, ainda, sugestões de atendimento para alunos da faixa etária de três a cinco anos. Isto, por considerar que a Educação Infantil também faz parte do Ensino Especial cujas crianças podem apresentar ritmos e necessidades educacionais de aprendizagens específicas, necessitando, assim, de forma diferenciada de avaliação, conforme se observa nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica:

No decorrer do processo educativo deverá ser realizada uma avaliação pedagógica dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, objetivando identificar barreiras que estejam impedindo ou dificultando o processo educativo em suas múltiplas dimensões. Essa avaliação deverá levar em consideração todas as variáveis: as que incidem na aprendizagem com cunho individual; as que incidem no ensino, como as condições da escola e da prática docente; as que inspiram diretrizes gerais da educação, bem como as relações que se estabelecem entre todas elas. (BRASIL Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial. Secretaria de Educação Especial. MECSEESR 2001.p.33)

Desse modo, a fim de melhor reconhecer a criança superdotada é muito comum utilizar listas e escalas de características, instrumentos que podem colaborar para o processo de identificação. Sabe-se que os profissionais recebem estas fichas ou escalas de características para

assinalarem o comportamento da criança, porém, necessitam também aprofundar as análises das manifestações por área de potencialidade, ou seja, é necessário um conhecimento prévio sobre tais indicadores, bem como em quais momentos e circunstâncias a criança os apresenta, identificando, ainda, a área forte ou de destaque. Veja-se o que destaca Guenther:

As “listas de características” pecam por apresentar dotação como um bloco único de sinais e adjetivos, com indicações descontínuas e até contraditórias. Tais descrições não diferenciam a caracterização pelos domínios originais de capacidade, o que geralmente cria mal-estar em relação à criança que desempenha bem em algumas situações, mas não em outras (GUENTHER, 2006, p. 36).

Diante dos diversos instrumentos de identificação, como as chamadas escalas de características, presentes na literatura brasileira, o presente trabalho, manterá o foco nas fichas de observação mais condizentes com as especificidades da observação em crianças em idade pré-escolares, que serão descritas no momento oportuno. Dessa maneira serão apresentadas as características dos alunos com indicadores de altas habilidades/superdotação na educação infantil e seus direitos educacionais. Além disso, será discutida a importância da comunidade escolar em compreender e em atender as reais necessidades destes alunos. Ainda, este manual visa capacitar o professor para reconhecer os indicadores e as atividades mais propícias a serem trabalhadas com os alunos da educação infantil, bem como identificar aqueles que se diferenciam dos seus pares em uma área de domínio, por aptidão e/ou por interesse, pois, conforme enfatiza Guenther:

Para ajudar aos professores a reconhecer alunos potencialmente talentosos na turma, colocamos em ênfase alguns atributos e traços que caracterizam crianças que se mostram diferentes das outras por terem uma área de capacidade maior e mais acentuada do que a média do grupo comparável. (GUENTHER, 2006, p. 35).

Diante o exposto percebe-se que a formação do professor é de suma importância, uma vez que não basta receber esses instrumentos e preenchê-los sem um conhecimento básico sobre as características dos alunos, suas necessidades, interesses e aptidões. Dessa forma, serão disponibilizadas algumas sugestões de atividades a serem realizadas pelos professores, que ajudam a fornecer informações sobre crianças da Educação Infantil com indicadores de altas habilidades, bem como sugestões de estratégias de atendimento educacional especializado respeitando as particularidades e potencialidades de cada uma delas.

Vale salientar que o reconhecimento das aptidões e dos interesses do aluno desde os primeiros anos escolares são essenciais, pois estudos apontam que, quando não atendidas em suas necessidades, a criança pode ter seu autoconceito prejudicado e apresentar diversos distúrbios emocionais e sociais. A esse respeito, Fleith aponta:

As pesquisas indicam que quando o aluno com altas habilidades/superdotação é identificado ainda quando pequeno e lhe é oferecido apoio em suas necessidades especiais de aprendizagem e desenvolvimento, esse aluno desenvolve resiliência aos eventos negativos que ocorrem em sua vida.[...] O que se observa, no entanto, é que o aluno com altas habilidades tem necessidades especiais de aprendizagem e características cognitivas e sócio afetivas que se não forem compreendidas ou atendidas poderão gerar uma série de desajustes ao desenvolvimento do aluno, colocando-o em situações de risco acadêmico e social. (FLEITH, 2006, p. 43).

Dessa forma, para que possamos perceber os indicadores de elevada potencialidade devemos proporcionar atividades diversas que englobem as diferentes áreas do conhecimento. O intuito aqui não é classificar a criança como superdotada ou não, mas sim reconhecer sua área forte a fim de melhor direcioná-la segundo suas capacidades. Com informações adequadas, o professor se torna apto para a identificação de áreas de talento. Ainda, com a realização das adaptações curriculares necessárias, o aluno terá acesso a aprendizagens significativas, concretas e efetivas, com suas potencialidades respeitadas. Assim, com o objetivo de contribuir para a capacitação de professores de alunos com AH/SD, segue a sugestão de um plano de ação a ser realizado com esses alunos.

3 PLANO DE AÇÃO

O plano de ação a ser desenvolvido durante a capacitação de professores deve ser aplicado como uma atividade de formação continuada, que pode ser dirigida pelo coordenador pedagógico ou por um dos professores do coletivo que tenha aprofundado os estudos ou recebido formação complementar sobre Educação Especial em Altas Habilidades/Superdotação. Esse profissional será o mediador do minicurso dentro da instituição.

O minicurso é composto por três módulos. Cada módulo compõe-se de três horas de estudos e atividades, que poderão ser realizadas em um único dia ou distribuídos em momentos menores, de acordo com a realidade de cada coletivo de professores e de cada instituição.

Observe na figura 1 a síntese da estrutura do minicurso:

Figura 1- Estrutura do minicurso

Módulo	Tema	Carga horária
1	Reconhecendo os Indicadores de Superdotação na Educação Infantil	3h
2	Práticas de Atendimento Educacional Especializado em Altas habilidades/Superdotação.	3h
3	A Atenção Pedagógica ao Aluno Superdotado no Ambiente Escolar	3h

Fonte: Elaboração própria.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO MINICURSO

Os recursos pedagógicos necessários ao desenvolvimento do curso são:

- materiais impressos, já disponibilizadas nesse manual, com fotocópias para todos os participantes;
- um computador com acesso à internet e um projetor multimídia ou uma Smart TV;
- lápis, borrachas, canetas, cadernos para anotações;
- papel pardo, canetão;
- lousa, giz/pincéis.

5 FUNDAMENTOS E TÓPICOS IMPORTANTES

Essa sessão trata de alguns conceitos fundamentais e de teorias estruturantes desse minicurso. Aqui será apresentado o aporte teórico que embasa as ações propostas, bem como os documentos legais que orientam e regulamentam as ações dos professores da Educação Infantil na prática pedagógica com crianças de alto potencial.

5.1 O QUE SÃO ALTAS HABILIDADES? O QUE É SUPERDOTAÇÃO?

No que diz respeito aos termos utilizados para se referir a indivíduos com alto potencial, a literatura registra termos como *dotação* e *talento*. Contudo, Pérez (2012) afirma que, no Brasil, houve um consenso entre os pesquisadores e o termo mais utilizado é Altas Habilidades/Superdotação, adotado pelo Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD) e seguido pelos documentos legais do país. Nos dizeres da lei, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 determina que o termo em questão,

É utilizado para definir alunos que apresentam notável desempenho e elevada potencialidade (isolados ou combinados) em qualquer dos seguintes aspectos: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes e capacidade psicomotora. (BRASIL, 2008).

Portanto, Altas Habilidades/superdotação são termos equivalentes utilizados nos documentos e na legislação educacional para se referir aos estudantes de alto potencial. Os documentos legais para as AH/SD partem de conceitos de Renzulli (1978), um consagrado pesquisador norte-americano da área. Sua ideia de superdotação não está restrita ao desempenho do sujeito em um teste de inteligência ou no seu QI, por exemplo. Para esse pesquisador, é necessário ter perspectiva ampla do comportamento do indivíduo associado a outros fatores combinados entre si. Renzulli (1978) elaborou um modelo de superdotação chamado Teoria dos Três Anéis, muito utilizada nos dias de hoje para verificação da presença do comportamento superdotado. Os anéis correspondem a três características interdependentes:

- *habilidade acima da média* em alguma área do conhecimento (matemática, linguagens, etc.) ou em alguma atividade (música, xadrez, etc.), quando se compara aos pares de sua mesma idade e contexto sociocultural equivalente;
- *comprometimento com a tarefa* de seu interesse e talento, demonstrando envolvimento e motivação ao realizá-la, com empenho, persistência e concentração;
- *criatividade* ao apresentar um jeito inovador, inédito ou inusitado para resolver problemas ou elaborar produtos com novidade de sentido, bem como para inter-

relacionar diferentes estratégias e para comparar conhecimentos variados para suas ações.

Figura 3 – Representação gráfica da Concepção de Superdotação dos Três Anéis



Fonte: Adaptado de Renzulli, 2018.

Fica esclarecido, assim, quem é o indivíduo superdotado, público-alvo da Educação Especial. De acordo com os conceitos acima, é aquele que têm facilidade de aprender em seus campos de interesses que podem ocorrer em qualquer área de capacidade ou habilidade.

Faz-se necessário mencionar que, próximo à finalização deste trabalho, foi lançada a Política de 2020, nomeada “Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida”, a primeira instituída por meio de decreto presidencial, Decreto número 10.502, de 30 de setembro de 2020. Dado o pouco tempo desse documento, não é possível analisar seus impactos, porém, vale destacar alguns fatores que se referem ao campo das Altas Habilidades/Superdotação.

Inicialmente, importa esclarecer que, com relação ao termo, o documento registra que, AH/SD utilizado até então, deixa de ser grafado com a barra e passa a vigorar com a conjunção alternativa, de forma a clarificar a leitura, aparecendo sob a expressão altas habilidades ou superdotação. Quanto à sua definição, no Capítulo IV, artigo 5º, parágrafo III, está a mais atual sobre o aluno superdotado, sendo vistos como “educandos com altas habilidades ou superdotação que apresentem desenvolvimento ou potencial elevado em qualquer área de domínio, isolada ou combinada, criatividade e envolvimento com as atividades escolares” (BRASIL, 2020, p. 5).

Passa-se, então, para a análise do que se refere à política equitativa e inclusiva proposta por esse ato legal. Ela é equitativa no sentido de dar oportunidades iguais a todos, para que os

alunos com AH/SD “[...] alcancem os seus melhores resultados, de modo a valorizar ao máximo cada potencialidade, e eliminar ou minimizar as barreiras que possam obstruir a participação plena e efetiva do educando na sociedade” (BRASIL, 2020, p. 2). Quanto ao ser inclusiva, a Política não define o que vem a ser a inclusão escolar, mas traz uma ideia ampliada de “[...] inclusão social, intelectual, profissional, política e dos demais aspectos da vida humana, da cidadania e da cultura” (BRASIL, 2020, p. 2).

Com relação ao “aprendizado ao longo da vida”, trata-se da compreensão da educação mais como uma prática social do que como uma prática escolar. Desse modo, a Política propõe que o aprendizado seja desenvolvido ao longo da vida do educando, tanto nos ambientes escolares como “[...] em outros momentos e contextos, formais ou informais, planejados ou casuais, em um processo ininterrupto” (BRASIL, 2020, p. 2).

No que diz respeito ao aprendizado no ambiente escolar, ocorre a abertura da possibilidade de outras formas de atendimento, que pode se dar nas salas regulares inclusivas, preferencialmente no ensino público, como previsto na Política de 2008, mas também pode acontecer em escolas ou classes especializadas, e escolas ou classes bilíngues. A equipe multidisciplinar e a família, ou o próprio educando, quando for o caso, decidirão pela alternativa educacional que for mais adequada.

Além disso, quanto aos serviços e recursos da Educação Especial, os estudantes passarão a ser contemplados em escolas-polo de AEE e em “Centros de Atividades de Altas Habilidades e Superdotação”, ainda não explicitados no documento acerca de onde, quando, como, ou por quem serão instituídos e administrados. Porém a Política prevê que a operacionalização se dará posteriormente por meio da elaboração de diretrizes pelo Conselho Nacional de Educação, conforme o Artigo 16.

Enfim, diante o breve panorama histórico apresentado, percebe-se que a efetivação de um aprendizado inclusivo caminha lentamente, tanto no papel, quanto na prática. Apesar dos avanços legais, a mudança de perspectiva educacional encontra entraves na ação docente. De acordo com Mantoan (2015, p. 25) “[...] depois de tantos anos de implementação da inclusão nas escolas brasileiras, persiste em professores do ensino regular a ideia de que não estão preparados para ensinar a todos os alunos”. Quanto à inclusão dos estudantes com AH/SD no ensino regular, para que sejam, de fato, atendidos em suas necessidades e potencialidades, são necessárias mudanças na prática pedagógica de forma que as legislações educacionais sejam asseguradas e aconteçam de fato. O AEE precisa ser prática vivenciada por esses alunos como

ponte entre o currículo comum e os programas para desenvolver seus talentos e potenciais em suas áreas de interesse.

Para que tais mudanças aconteçam, um fator essencial, é o conhecimento, por parte do educador sobre as características das crianças com AH/SD. Dessa forma, o tópico a seguir propõe explicitar as principais dessas características.

5.2 QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO?

Um dos maiores desafios ainda enfrentados quanto à identificação e atendimento dos alunos superdotados está na heterogeneidade que eles apresentam, ou seja, não existe um perfil único. Por isso, um professor com conhecimento na área faz todo o diferencial, pois a educação desses alunos depende do olhar diferenciado desse professor no que diz respeito aos processos de ensino e de aprendizagem, na identificação de necessidades educacionais específicas e na estruturação de currículos e atividades diversificadas que atendam às necessidades destes alunos, bem como em relação aos procedimentos qualitativos de avaliação adotados. Quanto ao perfil heterogêneo do indivíduo superdotado, Guenther (2006) afirma:

Crianças e jovens dotados e talentosos não constituem um perfil homogêneo, facilmente reconhecível em qualquer situação. Ao contrário, como todos seres humanos cada um traz em si uma combinação essencial e substancialmente única de traços, características e atributos, originados não somente de sua própria constituição e plano genético, como também derivados e absorvidos das muitas fontes de influência presentes no ambiente a que é exposto, dentro dos vários grupos a que pertence (GUENTHER, 2006, p. 34).

Apesar do reconhecimento da existência desse perfil heterogêneo, é preciso que o professor esteja apto para identificar algumas características peculiares ao superdotado, apesar de diversa. Segundo Fleith (2006), algumas das características mais comuns são:

Figura 2 – Características de indivíduos com AH/SD

- Alto grau de curiosidade
- Boa memória
- Atenção concentrada
- Persistência
- Independência e autonomia
- Aprendizagem rápida
- Criatividade e imaginação
- Iniciativa
- Liderança
- Vocabulário avançado
- Riqueza de expressão verbal
- Alto nível de energia
- Originalidade para resolver problemas

Fonte: Adaptado de Fleith, 2006.

Ao se deparar com tais características, muitas vezes o educador percebe que a criança apresenta alguma ou um conjunto delas, porém se limita a julgá-la como uma criança esperta ou inteligente, sem se ater a detalhes que poderiam revelar um aluno com superdotação. Por isso, especialistas chamam a atenção para um olhar mais cuidadoso por parte do professor. Este deve avaliar a intensidade, a frequência e a constância que essas características apresentam, pois podem dar pistas de indicadores de superdotação, uma vez que tais comportamentos se dão, não em todos os momentos ou em todas as circunstâncias, ou seja, a criança precisa ser avaliada quando engajada em atividades de seu interesse e não no momento e na atividade que julgamos ser adequada. A esse respeito, Virgolim (2007) afirma:

Sabemos que, além dos fatores genéticos, a superdotação é influenciada também por fatores do indivíduo (como autoestima elevada, coragem, persistência, energia, alta motivação) e por fatores ambientais (oportunidades variadas, personalidade e nível educacional dos pais, estimulação dos interesses infantis, entre outros). Sendo assim, conforme acredita Renzulli, a superdotação emerge ou “se esvai” em diferentes épocas e sob diferentes circunstâncias da vida de uma pessoa. Assim sendo, os comportamentos de superdotação podem ser exibidos em certas crianças (mas não em todas elas) em alguns momentos (não em todos os momentos) e sob certas circunstâncias (e não em todas as circunstâncias de sua vida) (Renzulli, 1985; Renzulli e Reis, 1997a; Renzulli, Reis & Smith, 1981) (VIRGOLIM, 2007, p. 38)

Com o objetivo de uma pequena demonstração de como é possível identificar algumas das características do indivíduo com altas habilidades, segue um exemplo prático de uma observação realizada, para fins dessa pesquisa, em uma turma de alunos de quatro anos de idade:

A professora após atividade de recreação no pátio distribuiu massinha para as crianças para que fizessem o que quisessem. Muitas crianças não sabiam o que fazer e apenas amassavam ou tentavam criar algo. Uma das crianças, sentada no canto, fez um trabalho elaborado, criou o espaço onde ocorreu a recreação. Fez um escorregador, uma escada, um tapete no final da escada (onde as crianças caíam), e uma mangueira. A professora olhou impressionada para a produção da criança, a parabenizou e me disse: 'Ela tem muita habilidade com as mãos'.

Salienta-se que, no contexto em observação, inicialmente, analisa-se os indicadores, não de superdotação, ainda, mas de área de domínio, destreza, facilidade em alguma área.

Segue um outro exemplo de uma outra situação:

Ao chegar no agrupamento de cinco anos encontrei três crianças, uma desenhando relógios para os colegas. Eu disse a ela que os relógios que ela estava fazendo tinha apenas onze ponteiros, ela logo me disse que só faz até onze, pois não sabe fazer o doze. Eu disse que a ensinaria, mas ela disse que não precisava, que daria conta sozinha. Pedi para fazer um para mim, ela então disse que não, pois teria que fazer muitos para os colegas. Ela já escreve seu nome e o nome dos colegas. Perguntei como ela aprendeu, e me informou que foi sozinha, usando seu pensamento. Quando eu estava indo embora ela correu até mim e me entregou uma folha com vários desenhos, inclusive um relógio com doze ponteiros.

Esses episódios exemplificam o que Winner (1998) analisou como as três características atípicas comuns às crianças com AH/SD: precocidade, insistência em fazer as coisas ao seu modo e uma fúria por dominar.

Além dessas características, de acordo com WINNER (1998), ainda é possível observar em crianças superdotadas, antes dos cinco anos de idade, alguns sinais como: reconhecimento dos seus cuidadores desde cedo; sinais de vigilância e atenção longa; preferências por novidades; sentar, engatinhar, falar, caminhar vários meses antes do esperado; grande vocabulário oral e repertório de linguagem variado; reações intensas a ruído, dor e frustração.

Sabendo-se, então, a importância de se identificar as principais características de um aluno superdotado e quais são elas, importa saber como ele deve ser atendido e quais são os seus direitos na Educação Especial, assunto do tópico seguinte.

5.3 COMO DEVE SER O ATENDIMENTO ÀS CRIANÇAS COM AH/SD? QUAIS SÃO SEUS DIREITOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL?

Para que um aluno com altas habilidades tenha, de fato, um atendimento que corresponda às suas necessidades, o educador deve ter plena consciência de como deve ser esse atendimento e, ainda, de quais são os seus direitos na Educação Especial.

Por meio das observações no cotidiano escolar do aluno, com a participação da família, bem como com as contribuições dos grupos sociais, torna-se possível traçar um perfil específico da criança quanto à superdotação. Segundo Pérez (2012, p. 59), “a identificação é um processo que deve anteceder e ser um meio para garantir o atendimento educacional especializado aos alunos com AH/SD, o mais adequado é que essa avaliação seja de caráter educacional”.

Nesse sentido, identificar as características de altas habilidades é fator primordial para que esse aluno receba um atendimento adequado e especializado. Guenther (2006), descreve qual seria a finalidade de um programa de atendimento adequado às crianças talentosas:

O processo de estudar a criança tem a finalidade de definir e localizar melhor suas qualidades e pontos fortes, já que o interesse primordial desse Programa é desenvolver o potencial dos alunos. Se ao aprofundar o estudo da criança for verificado que há com ela um problema de qualquer natureza, vamos obviamente, esclarecer e enfrentar a situação, mas não é um dos objetivos do estudo procurar dificuldades e falhas a serem corrigidas, e sim capacidades e talentos a serem estimulados. (GUENTHER, 2006, p. 89)

No que se refere ao âmbito legal, esse atendimento adequado e especializado, deve ser oferecido, de forma gratuita e acessível a esses alunos. Desse modo, conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) a Educação Especial deve ser oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino e cabe às instituições a oferta do atendimento educacional especializado (AEE) aos alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Assim, é direito da criança com AH/SD ter acesso a recursos e serviços específicos, professores capacitados e AEE, no sentido de que cabe aos professores da sala regular e/ou professores do AEE propor atividades e projetos para complementar ou suplementar o ensino regular.

Ainda, o grupo de professores que atende a criança deve elaborar o Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI), a fim de melhor atender suas potencialidades dando-lhes a oportunidade de continuar a manifestar e a desenvolver seus talentos e aptidões. Essa é também uma forma proposta encontrada na Base Nacional Comum Curricular¹ (BNCC) que destaca:

Reconhecendo as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária, que correspondem, aproximadamente, às possibilidades de aprendizagem e às características do desenvolvimento das crianças” ... “Todavia, esses grupos não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica”.(BRASIL, 2018, p. 42).

Ao elaborar o PDI o professor deve atentar para que este esteja em concordância com os documentos legais da Educação Especial, como a BNCC, e pautados também na proposta institucional, formalizada na Organização do Trabalho Pedagógico (OTP) e na Proposta Político-Pedagógica (PPP) da instituição.

De acordo com Fleith (2006) a Proposta Político-Pedagógica da Instituição deve contemplar todos os alunos, inclusive aqueles com potencial para superdotação:

Uma criança pré-escolar que apresente um desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e/ ou psicomotor diferenciado e avançado para a idade não pode ser desconsiderada e/ou desqualificada no âmbito escolar. Nesse sentido, é importante atender os alunos de altas habilidades/superdotados, considerando seu desenvolvimento real, evitando contemplar níveis de desenvolvimento padronizados, conforme os apresentados em escalas de desenvolvimento. Cabe, portanto, à escola definir no projeto pedagógico seu compromisso com uma educação de qualidade para todos seus alunos, inclusive o de altas habilidades/superdotados, respeitando e valorizando essa diversidade, e definindo sua responsabilidade na criação de novos espaços inclusivos. (FLEITH, 2006, p.12).

Para uma proposta abrangente, que visa uma educação de integral e de qualidade, a Proposta deve contemplar, também, os anseios da família e do educando, no sentido de ampliar o seu potencial e apoiar suas possíveis dificuldades, a partir dos seus próprios interesses. Dessa forma, para que isso ocorra, há a possibilidade de flexibilizar o currículo, de modo que possa

¹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)

haver uma compactação ou enriquecimento do currículo de acordo com as necessidades do educando. Como Fleith (2006) observa,

Considerando as políticas educacionais inclusivas, o aluno deve ser cada vez mais atendido em seus interesses, necessidades e potencialidades, cabendo à escola ousar, rever suas concepções e paradigmas educacionais, lidando com as evidências que o desenvolvimento humano oferece. (FLEITH, 2006, p.12).

Além de elaborar um currículo que atenda às necessidades do aluno, o professor, juntamente com o grupo gestor, ou seja, com o coordenador pedagógico e o diretor da escola, devem estar atentos à possibilidade do avanço escolar. Este, amparado por lei, permite que, após a avaliação da criança com AH/SD, possa ocorrer sua entrada antecipada para o Ensino Fundamental, caso a equipe pedagógica e a família considerem, em conjunto, que essa ação beneficiará mais a criança do que permanecer junto aos seus pares de idade. Conforme Fleith (2006),

Na educação infantil se inicia a construção de um processo escolar que poderá ser concluído em menor tempo quanto à série em que o aluno esteja cursando, etapa escolar em que o aluno esteja inserido ou mesmo em relação a toda a sua escolarização. Dessa forma, é fundamental oferecer desafios suplementares aos alunos de altas habilidades/superdotados. Para isso é importante a definição de um projeto pedagógico que inclua a modalidade de ensino educação especial no cotidiano escolar, oferecendo aos alunos de altas habilidades/superdotados alternativas motivadoras e criativas de aprendizagem que possam garantir o seu sucesso escolar. (FLEITH, 2006, p.12).

É importante ressaltar, ainda, que a tomada de decisão quanto ao melhor atendimento dispensado à criança deve considerar, não apenas as características cognitivas que incidem na aprendizagem, mas também as características de personalidade, emocionais e sociais. Sendo, desse modo, de suma importância o estudo de caso sempre que se fizer necessário.

Diante disso, a tarefa do professor não é, de modo algum, uma tarefa simples e unilateral. O professor deve ser capaz de perceber e de agir nos múltiplos fatores que envolvem a Educação Especial. Conforme consta na BNCC (2018),

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. [...]. Ainda, é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BNCC, 2018, p. 39).

Apesar de se reconhecer que a tarefa do professor em lidar com a criança superdotada não ser uma tarefa fácil, sabe-se que ela é possível. Mesmo que o amparo legal e a capacitação profissional caminham a passos lentos, percebe-se que a educação inclusiva é pauta de discussões e de interesse de uma sociedade democrática que preza por uma educação cidadã. Dentro dessa perspectiva, o educador está inserido em um ambiente educacional legal que o incita e que cobra a sua devida capacitação para a atuação em educação inclusiva, que preza e valoriza cada aluno nas suas individualidades e especificidades. De modo a contribuir com essa capacitação é que o presente trabalho traz um minicurso, com teorias e um plano de ação prática em que o educador terá a oportunidade de se familiarizar um pouco mais com as necessidades de um processo de ensino-aprendizagem que envolva crianças com alto potencial. Segue-se, assim, os três módulos que compõem este minicurso.

ROTEIRO DO 1º MÓDULO

TEMA: Reconhecendo os indicadores de superdotação na Educação Infantil

CARGA HORARIA: Três horas

EMENTA

Este módulo enfatiza as características, bem como as necessidades das crianças na Educação Infantil que possuam indícios de altas habilidades/superdotação. Esse momento deve favorecer ao professor conhecer e identificar cada aluno com AH/SD nas expectativas e razões pelas quais deve ser prestada uma determinada orientação.

OBJETIVO GERAL

Apresentar as características e necessidades de crianças com alto potencial

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e reconhecer os indicadores da superdotação no cotidiano escolar;
- Reconhecer áreas de talentos;
- Refletir sobre como as crianças aprendem e se expressam de maneiras diversas;
- Analisar os comportamentos das crianças diante em determinadas situações que possibilitam mapear e traçar seu perfil.

MATERIAL DE APOIO

Lousa, Giz/pincéis, Vídeo, artigo, material impresso, papel pardo, canetão.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Identificação da superdotação.

METODOLOGIA

A sequência didática proposta é de grande relevância para a compreensão ampla do tema abordado, sendo assim, seguem os seguintes passos:

1 Preparação do grupo: Inicialmente, por meio de tempestade de ideias, o mediador do minicurso sonda junto aos participantes sobre o conhecimento que possuem sobre a superdotação e suas diferentes terminologias, registrando na lousa as colocações obtidas por meio de palavras-chaves.

2 Aplicação do vídeo Altas Habilidades: Esse vídeo consiste numa entrevista com Cristina Delou e Cláudia Feijó, doutoras em superdotação, sobre alguns indicadores de superdotação e a importância do reconhecimento das potencialidades e da necessidade do incentivo para o desenvolvimento do talento. O vídeo está disponível no site do YouTube da MultiRio: <https://www.youtube.com/watch?v=YqnJ9GpvdE>. A partir dele os professores deverão refletir e dialogar em roda de conversa sobre:

- Comparação das palavras-chave com o vídeo assistido;
- As características que indicam precocidade no desenvolvimento da criança e sua importância como indicativo de potencialidades a serem desenvolvidas;
- Características do aluno superdotado;
- Indicadores de superdotação abordado na lista de características.
- Necessidades de identificação e atendimento especializado.

3 Leitura de texto:

Com a finalidade de discutir e aprimorar o conhecimento, deve ser realizada a leitura individual ou em duplas do texto indicado a seguir, para os participantes relacionarem a abordagem do artigo com a do vídeo e das reflexões levantadas na tempestade de ideias.

PALMEIRA PEREIRA, V.L. Identificação da superdotação na escola, família e sociedade. 2002. In: BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação.** [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. p. 19-25.

O mediador solicita que os professores anotem os aspectos mais importantes e compartilhem em uma roda de conversa coletiva. O mediador deve instigar a reflexão a partir de perguntas como:

- Quais são os principais desafios no processo de identificação de alunos com alto potencial na Educação Infantil?
- O plano de ensino atende as necessidades de aprendizagem de todos os meus alunos?
- Percebo habilidades e/ou potencialidades em algum de meus alunos?
- Quando podem ser percebidas essas capacidades?
- Como desenvolver um trabalho pedagógico que potencializa as capacidades apresentadas pelo aluno com altas habilidades?

4 Atividade prática:

O mediador apresenta aos professores uma cópia do “Modelo de sondagem inicial para a identificação da superdotação”, que consta na parte final do texto estudado. Os professores são orientados a preencher a ficha como um primeiro rastreio das habilidades de seus alunos e indicar os dois alunos da turma que consideram se destacar em cada uma das áreas elencadas. Nesse momento, o mediador deve desmistificar a ideia de superdotação global, explicando que as crianças não precisam apresentar alto potencial em todas as habilidades elencadas.

7. ROTEIRO DO 2º MÓDULO

TEMA: Práticas de Atendimento Educacional Especializado em Altas habilidades/Superdotação.

CARGA HORARIA: Três horas

EMENTA

Este módulo aborda as práticas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) em altas habilidades/superdotação (AH/SD), tendo como elemento central no processo de ensino e aprendizagem a potencialização do aluno com AH/SD.

OBJETIVO GERAL

Estimular professores à reflexão sobre a educação inclusiva, no que diz respeito ao sistema educacional, nas situações de ensino e de aprendizagem em classes regulares, com alunos que apresentam altas habilidades/superdotação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer o papel social da escola quanto à diversidade humana;
- Identificar o papel do professor em relação ao desenvolvimento do potencial superior no ambiente escolar;
- Analisar as características de superdotação;
- Conhecer as alternativas de AEE destinadas aos alunos superdotados, tais como enriquecimento curricular, salas de recursos e avanço escolar;
- Identificar as alternativas pedagógicas mais adequadas e viáveis para o contexto da instituição e de sua comunidade no referente ao atendimento das necessidades educacionais especiais inerentes à superdotação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO MINICURSO

Estratégias pedagógicas junto aos professores através da troca de informação que nos dará possibilidades de superar as dificuldades no processo para o ensino-aprendizagem.

MATERIAL DE APOIO

Artigo, Leitura de um Relato de experiência: Atuação do NAAH/S - GO no processo de avaliação (slides disponibilizados em anexo), encaminhamento e acompanhamento do aluno superdotado.

METODOLOGIA

1 - Apresentação do artigo: Publicação que traz um breve relato sobre o caso avaliado.

SANTOS, Ivani Dolores dos; CASTRO, Meire Luiza de; OLIVEIRA, Silvia Lucia Rodrigues. **Relato de experiência:** atuação do NAAH/S - Go no processo de avaliação, encaminhamento e acompanhamento ao aluno superdotado. I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 9 e 10 de agosto de 2019.

2 - Apresentação de Slides: Referente ao artigo demonstrando a trajetória do estudante, explicando e discutindo com os participantes sobre os fatos apresentados.





Secretaria
de Estado da
Educação



Relato de Experiência

Ivani Dolores dos Santos
Meire Luiza de Castro
Sílvia Lúcia Rodrigues de
Oliveira

O trabalho foi realizado mediante a análise e estudo de dados reais em consonância com a literatura especializada em Altas Habilidades/Superdotação - AH/S, bem como a legislação que assegura a Educação Especial para alunos com AH/S, no sentido de se comprovar a relação teoria X prática no processo de avaliação, encaminhamento e atendimento educacional especializado em AH/S – AEE em AH/S.

Objetivo

Demonstrar a importância da avaliação e do atendimento ao aluno superdotado tanto na sala regular quanto na sala de recurso multifuncional.



TRAJETÓRIA ESCOLAR



Com 3 anos contava de 1 a 50 sem olhar no papel, de 1 a 100 olhando, localizava no mapa os Estados brasileiros

STARTING



Antes de completar 2 anos já conhecia todo o alfabeto, contava de 1 a 10 em português e inglês.

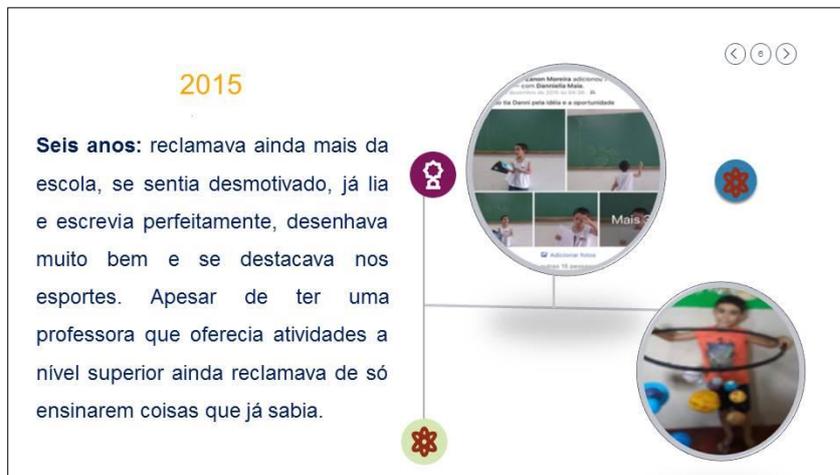




< 1 2 >

2012 a 2014

Três a cinco anos: reclamava da escola, pedia para estudar com crianças grandes, não queria brincar, mas sim, aprender coisas novas.



< 1 2 >

2015

Seis anos: reclamava ainda mais da escola, se sentia desmotivado, já lia e escrevia perfeitamente, desenhava muito bem e se destacava nos esportes. Apesar de ter uma professora que oferecia atividades a nível superior ainda reclamava de só ensinarem coisas que já sabia.

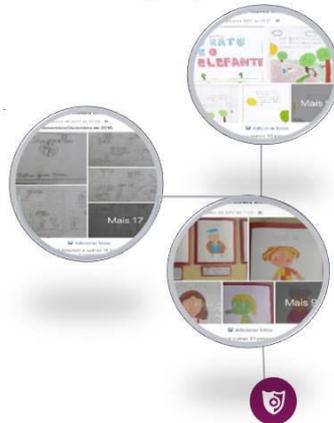


< 1 2 >

2016

Sete anos: apesar de gostar muito da professora reclamava que não aprendia nada e que quatro horas era muito na escola. Gostava apenas dos projetos. Novamente não queria ir à escola.

Passagem pelo NAAH/S 2º Semestre de 2016



Agosto: avaliação e sugestão de Atendimento Educacional Especializado

Setembro: Avanço escolar: Foi muito positivo, mais ainda achava tudo muito fácil.

Setembro a dezembro: Atendimento educacional especializado na sala de recurso: Gostava muito dos atendimentos, desenvolveu projetos e atividades de raciocínio lógico a níveis mais elevados



2017



Quarto ano: enfrentou muitas dificuldades no ambiente escolar por causa do despreparo da professora.

Continuava no AEE na sala de recurso (gostava muito e desenvolveu vários projetos).



Mudou-se de escola: Foi muito bem acolhido, se sentia muito feliz com as atividades propostas pelo professor. Levava atividades a nível mais elevado para quando terminasse as tarefas com a permissão do professor.

Como sabia que se mudaria para Nova Zelândia, Matheus estudava matemática em apostila, em inglês.



Mudança de país!

Adaptação rápida, fácil domínio da língua inglesa, destaque com desenho, raciocínio lógico, grande empatia com professores e colegas.

Recebimento de certificados como destaque na área da matemática.

2018



Recebeu condecoração de aluno destaque e foi inserido no programa especial para superdotado recebendo o atendimento educacional especializado na escola regular.



2019



Todos os anos Matheus organiza sua festa de aniversário, planeja e executa todo o material necessário para a decoração. No aniversário de dez anos o tema foi o cubo mágico.



2019



Na Nova Zelândia continua se destacando. Participa de atividades esportivas, do AEE e escreveu um livro em inglês.



“Finalizo aqui com meu imenso agradecimento à você Meire junto ao NAAH/S, por tudo que fizeram e fazem na vida do meu pequeno, com certeza tudo isso tem sido muito importante à ele, o processo da aceleração foi a melhor coisa que aconteceu, ele esta muito mais feliz agora.”

OBRIGADO!
EQUIPE NAAH/S - GO



3 – O mediador deve escrever na lousa as palavras-chave do AEE para AH/SD:

ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

AVANÇO ESCOLAR

SALA DE RECURSOS

Deve, então, pedir ao grupo que identifique os momentos em que a criança recebeu enriquecimento curricular (aos seis anos quando a professora lhe oferecia atividades de um nível superior), avanço escolar (que ocorreu em setembro de 2016) e atendimento em sala de recursos (a partir de setembro de 2016).

O grupo deve entender sobre como o conjunto dessas medidas favorece o aprendizado e o ajustamento da criança com AH/SD e que podem ser ofertadas desde a Educação Infantil, podendo inclusive a equipe pedagógica sugerir a entrada antecipada para o Ensino Fundamental quando esse for o caso.

Atividade prática:

Juntos, devem ler a legislação educacional correspondente, em que se enfatiza conhecer a política de Educação Especial mais recente, atualmente, a “Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida” (BRASIL, 2020) e identificar quais alternativas pedagógicas previstas no documento são mais adequadas e viáveis para o contexto da instituição e de sua comunidade no referente ao atendimento das necessidades educacionais especiais inerentes à superdotação.



8 ROTEIRO DO 3º MÓDULO

TEMA: A Atenção Pedagógica ao Aluno Superdotado no Ambiente Escolar.

CARGA HORARIA: Três horas

EMENTA

Este último módulo aborda a atenção pedagógica ao aluno superdotado no ambiente escolar através de reflexões com as professoras da Educação Infantil.

OBJETIVO GERAL

Promover atividades capazes de desafiar e encorajar as crianças a superar seus limites.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Oferecer atividades extracurriculares desafiadoras;
- Oportunizar a reflexão sobre as necessidades específicas das crianças superdotadas;
- Subsidiar o fazer pedagógico suplementar no próprio espaço escolar;
- Promover atitudes de interação positiva que favoreçam as relações entre professor, aluno superdotado e demais alunos;
- Discutir a dimensão do desenvolvimento de capacidades e talentos na escola;
- Conhecer estratégias que promovem a aprendizagem com o aluno superdotado;
- Promover a reflexão sobre o currículo escolar.
- Entender a necessidade de se ter um plano de ação para as crianças com indicadores de AH/SD, bem como a importância de se construir em conjunto com outros profissionais e com a família um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO MINICURSO

Estratégias pedagógicas junto aos professores através da troca de informação, leitura de textos e slides que nos dará possibilidades de superar as dificuldades no processo para o ensino-aprendizagem.

MATERIAL DE APOIO

Textos fotocopiados.

METODOLOGIA

1 - Apresentar os textos aos participantes: Explicar sobre a coerência entre eles, ou seja, a relação entre reconhecer os indicadores de superdotação, o olhar sensível do professor e o currículo escolar que atenda a diversidade.

Texto 1: *Os anos da Educação Infantil* (Trecho do texto de GAMA, 2007, p. 64 a 66).

GAMA, M. C. S. S. Parceria entre a família e a escola. In: FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação:** volume 3: O Aluno e a Família. Brasília: MEC/SEE, 2007. cap. 4, p. 61 – 73.

Texto 2: *Escola Inclusiva II: O professor nos dias de hoje - presente e o futuro: que professor formar e o que oferecer aos alunos com altas habilidades (trecho)*

BRASIL. Escola Inclusiva II. In: BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. SEESP/MEC (coord.). 2. ed., Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. cap. 4, p. 54 a 56.

Texto 3: *Adequações curriculares II: Currículo Escolar (trecho)*

BRASIL. Adequações curriculares II. In: BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. SEESP/MEC (coord.). 2. ed., Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. cap. 6, p. 66 e 67.

2 - Separar o grupo em três equipes: Cada equipe fica responsável por um texto. O objetivo é realizar a leitura e destacar as palavras chaves. O mediador fará acompanhamento nos grupos instigando reflexões mais relevantes contidas no texto.

3 - Cada equipe apresentará os pontos principais: O mediador deverá levantar as seguintes questões para reflexão:

- Quais os aspectos do desenvolvimento infantil devem ser considerados ao propor adequação curricular na Educação Infantil?
- Como contribuir na prática pedagógica para o bom desempenho nas relações e expressões dos alunos com altas habilidades/superdotação?
- Como promover adaptações curriculares que promovam aprendizagens novas e significativas para a criança pequena com altas habilidades/superdotação?
- Quais estratégias na sala de aula possibilitam estimular a participação do aluno superdotado de forma a não evidenciá-lo ou destacá-lo em relação aos outros colegas?
- Que ações no espaço escolar potencializam as expressões do aluno superdotado?
- Como prevenir ou minimizar as dificuldades de ajustamento escolar?

4 - Solicitar que os participantes elaborem três propostas: Elas devem contemplar processos de adequação ou suplementação curricular, para o seguinte caso:

O aluno tem 5 anos, é uma criança muito esperta, amigável, sociável e muito atenta ao que se passa em sua volta. Aos três anos já lia silabicamente e atualmente sabe ler fluentemente e escrever tanto letra cursiva como em bastão, porém prefere escrever da segunda forma e demonstra grande facilidade em diversos assuntos.

Apresenta um vocabulário vasto, soletra, identifica e diferencia palavras que contém r, x, ch, sem dificuldades tanto na escrita quanto na fala. Conta, soma, subtrai e multiplica, assimila quantidade ao número. Já reconhece números na cada dos milhares.

Possui um vocabulário bastante vasto também no inglês. Não tem dificuldade na escola. Mas, apesar de introvertido, é bastante participativo e gosta de ajudar os colegas. Também tem um ótimo relacionamento com todos e gosta de tudo que envolve letras e números. Às vezes, reclama muito, pois não aprende nada de novo na escola.

Para isso, devem refletir e considerar os seguintes elementos:

- Interesses;
- Aptidões;
- Dificuldades a superar;
- Necessidades a serem atendidas;
- Período previsto (um semestre, um bimestre ou um ano escolar);
- Objetivos pedagógicos; e

- Atividades.

A apresentação final deve ser de livre criação, de modo a estimular diferentes oportunidades de organização das informações. Os participantes apresentam sua proposta de trabalho oralmente e, com a colaboração do mediador do minicurso, cada proposta deve ser analisada considerando os conhecimentos assimilados por cada um.

5 - Tarefa Após a conclusão da atividade: Os participantes devem retornar às fichas preenchidas no primeiro encontro e reavaliar as crianças em que perceberam indicadores de AH/SD e as quais observaram durante todo o período de formação continuada. Devem então propor juntos um plano de ação para atender na sala regular as necessidades educacionais específicas dessas crianças, bem como organizar junto à coordenação pedagógica os demais encaminhamentos que se fizerem necessários.

9 MATERIAIS DE APOIO

9.1 TEXTO TRABALHADO NO PRIMEIRO MÓDULO

IDENTIFICAÇÃO DA SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE

Um dos grandes desafios da educação é oferecer aos alunos oportunidades para o desenvolvimento pessoal e para a aprendizagem, em um contexto sociocultural. Este texto tem como objetivo esclarecer e orientar educadores no processo de identificação de alunos com superdotação na escola, na família e na sociedade.

Ao analisarmos a diversidade que constitui um grupo de pessoas, podemos ter uma visão do quanto é interessante a espécie humana. Não há uma só pessoa que não seja única no universo.

Entende-se por superdotação, neste artigo, os padrões de desempenho superior que uma pessoa possa apresentar, quando comparada a grupo de igual faixa etária e contexto social. Em geral, apresenta em conjunto com esse desempenho, algumas características especialmente definidas e observáveis, que podem ser notadas e acompanhadas em várias faixas etárias, e que apresentam necessidades educacionais especiais, determinando procedimentos pedagógicos diferenciados para essa pessoa.

Estudos estatísticos indicam que aproximadamente 3 a 5% da população apresentam potencial acima da média estimada, em diversos contextos sociais. A respeito desse grupo em particular, devemos focalizar, especialmente, estratégias de interações positivas que favoreçam o seu desenvolvimento.

Em geral, na escola, os alunos com superdotação apresentam um comportamento caracterizado pela curiosidade, fluência de idéias, desempenhos superiores em uma ou mais áreas, grande motivação pela aprendizagem, facilidade para a abstração, percepção, relacionamento de um tema específico a um contexto amplo, estilos particulares para a aprendizagem e uma busca constante para atingir alvos e metas mais distantes.

Uma das questões que envolvem grande reflexão sobre a superdotação tem sido o processo de identificação deste aluno, uma vez que demanda investimentos necessários para o desenvolvimento das expressões e talentos em áreas, que podem ser específicas, como o canto, por exemplo, ou a um conjunto de áreas como: criatividade, aptidões acadêmicas e capacidade intelectual.

Muitos educadores ainda imaginam que a superdotação pode ser identificada quando um aluno se destaca em uma ou várias áreas, e tem desempenho muito elevado em atividades curriculares; quando apresenta adequação e ajustamento socioemocional, habilidade psicomotora especialmente desenvolvida e um estilo de grande realizador. Esse perfil, embora possa ser encontrado, não representa todo o universo da superdotação.

Na grande maioria das vezes, são encontrados alunos curiosos, ativos em procurar respostas para suas dúvidas e questionamentos, que apresentam expressões originais, que evidenciam um desempenho superior em uma ou algumas áreas de conhecimento e possivelmente um desenvolvimento atípico para sua faixa etária.

Em sala de aula, o professor tem condições de conviver com muitos alunos, em um ambiente que permite a observação sistemática, prolongada e qualitativa das expressões de habilidades, desempenhos e aptidões. É possível a análise dos resultados apresentados por seus alunos, de seus processos de aprendizagem e da qualidade das suas relações sociais.

Com informações adequadas, o professor se torna um profissional de grande importância para a identificação de alunos superdotados e o responsável pelas adaptações curriculares que permitem ao aluno aprendizagens significativas na escola.

Um dos desafios da educação de alunos superdotados está em oportunizar a essas pessoas a harmonização de suas áreas de desenvolvimento e performances, bem como o estímulo e aperfeiçoamento de suas potencialidades.

Nesse contexto, a educação desses alunos se pauta em um olhar diferenciado do professor quanto aos processos de ensino e de aprendizagem, a identificação de necessidades educacionais específicas, a estruturação de currículos e atividades que atendam às necessidades dos alunos e a relação de procedimentos qualitativos de avaliação que cada caso requer.

A identificação de alunos com superdotação, na escola, deve assim, se basear no programa a ser implementado para o atendimento de suas necessidades, a utilização de várias fontes de coleta de dados (entrevistas, observações, sondagens do rendimento e desempenho escolar, análise de produções e outros), no conhecimento das características específicas desse aluno e das diferentes fases de desenvolvimento pelas quais as pessoas passam em cada faixa etária.

Observa-se que tais alunos, quando percebidos por seus professores, revelam:

- Aprendizagem com instrução mínima;
- Persistência e concentração;
- Alto grau de energia;
- Interesses específicos;
- Estilo próprio para resolver situações problemas;
- Curiosidade acentuada.

A família contribui com o processo de identificação, ao apresentar algumas características particulares de seu / sua filho(a), observado(a) durante o processo de desenvolvimento. Há que se observar algumas questões em relação ao desempenho que é exigido por alguns pais, que estimulam excessivamente seu filho para que este possa apresentar indicadores de superdotação.

Quando alguns sinais começam a ser percebido pela família, a escola e/ou professor devem observar a criança atentamente e realizar um acompanhamento permanente. Se é precoce, a criança deve ser estimulada adequadamente para desenvolver seu potencial e continuar a apresentar comportamentos de superdotação.

Segundo Winner (1998), a maioria dos pais percebe, antes que a criança atinja cinco anos, pelo menos alguns destes sinais:

- Atenção e memória de reconhecimento: reconhecem seus cuidadores, desde cedo, apresentam sinais de vigilância e duração de atenção longa;
- Preferência por novidades: preferir novos arranjos visuais em detrimento dos anteriores e perceber novidades;
- Desenvolvimento físico precoce: sentar, engatinhar e caminhar vários meses antes que o esperado;
- Linguagem oral: falar cedo, apresentar grande vocabulário e estoque de conhecimento verbal;
- Super-reatividade: reações intensas a ruído, dor e frustração.

De modo geral, é na convivência com outras pessoas que aspectos únicos e específicos de determinado aluno são observados, refletindo questões internas e externas do relacionamento social.

Pela qualidade das observações e contribuições dos vários segmentos – família, escola e grupos sociais – é possível traçar o perfil da superdotação. Quando as características se mantêm em caráter permanente e constante, é que se evidencia, de maneira mais consistente, o potencial.

É tarefa da escola trabalhar tais potencialidades para que não haja perda de interesse da criança em continuar a apresentar seus talentos e habilidades.

Então, a identificação de superdotados exige planejamento, observação e estrutura para que se produzam registros e coletas de dados. Uma vez identificados, torna-se necessário encaminhá-los para um serviço de atendimento que promova as ações de que necessitam. A escola deve apresentar propostas que atendam as suas particularidades, seja na classe comum ou em programas específicos de enriquecimento em salas de recursos.

O que observar:

- Alto desempenho em uma ou várias áreas;
- Fluência verbal e/ ou vocabulário extenso;
- Envolvimento ou foco de atenção direcionado a alguma atividade em especial;
- Desempenho elevado qualitativamente nas atividades escolares;
- Qualidade das relações sociais do aluno, em diversas situações;
- Curiosidade acentuada;
- Facilidade para a aprendizagem;
- Originalidade na resolução de problemas ou na formulação de respostas;
- Atitudes comportamentais de excesso para a produção ou planejamento;
- Habilidades específicas de destaque (áreas: artes plásticas, musicais, artes cênicas e psicomotora, de liderança, etc.)
- Senso de humor;
- Baixo limiar de frustração;
- Senso crítico;
- Defesa de suas idéias e ponto de vista;
- Impaciência com atividades rotineiras e repetitivas;
- Perfeccionismo;
- Dispersão ou desatenção;
- Resistência em seguir regras;
- Desenvolvimento superior atípico em relação a pessoas de igual faixa etária
- Originalidade e idéias inusitadas e diferentes.

As características apresentadas podem ser observadas em várias situações e em diferentes amplitudes. Alguns alunos apresentam de forma mais consistente algumas destas características enquanto outros podem apresentar muitas delas. O registro das características observadas, e a frequência com que estas são observadas, pode ser quantificado por meio de escalas de avaliação, elaboradas pelos próprios educadores e seus sistemas de ensino.

As escalas de avaliação são instrumentos úteis para que o professor selecione desempenhos que considera superiores a todos os seus alunos e então identifique quais alunos consistentemente manifestam características específicas da superdotação. Um exemplo de questionário de sondagem é apresentado a seguir. Atender à diversidade é a proposta da educação atual, voltada para o respeito às diferenças e particularidades humanas. Oferecer ao aluno oportunidades de desenvolver seu potencial pleno e de acordo com suas potencialidades é o desafio da escola, que voltada para uma educação para todos, exige uma ação pedagógica transformadora, com metodologias mais abrangentes às necessidades e interesses, como alternativa de se propor a oferecer aprendizagens não centradas no professor, mas significativas para o aluno, respeitando as suas particularidades.

MODELO DE SONDAÇÃO INICIAL PARA A IDENTIFICAÇÃO DA SUPERDOTAÇÃO

Questionário preliminar de triagem de superdotados

Características Gerais:

Nome do aluno: _____

Data de nascimento: _____

Escola de origem: _____

Professor: _____

Série: _____ Turma: _____

Instruções: Observe seu aluno, em várias situações, e assinale com um .x. apenas quando ele demonstrar a característica mencionada no item.

1. () Aprende com rapidez e facilidade;
2. () Gosta de idéias novas;
3. () Tem vocabulário extenso para sua idade;
4. () Diz coisas com muita graça e humor;
5. () É muito impaciente;
6. () É bom desenhista;
7. () Preocupa-se com o sentimento dos outros;
8. () Gosta de adivinhações e problemas;
9. () Sempre pergunta : - Por que...?;
10. () Adora imitar e apelidar os outros;
11. () Tem boa memória;
12. () Diz as verdades sem inibições;
13. () Quer sempre aprofundar-se nos assuntos;
14. () É bastante original em suas perguntas e respostas;

15. () Tem facilidade para mostrar o que sente;
16. () Tem sempre uma idéia diferente e aproveitável;
17. () É sempre procurado pelos colegas;
18. () Faz perguntas provocativas;
19. () Gosta de ler;
20. () Fala facilmente com os outros;
21. () Defende suas idéias com pronta e lógica argumentação;
22. () Gosta de recitar, escrever poesias e estórias;
23. () Gosta de fazer coleções;
24. () É criativo;
25. () Tem ótimo senso crítico;
26. () Aceita e propõe desafios;
27. () Gosta de representar papéis;
28. () É difícil ser enganado pelos outros;
29. () Como aluno é as vezes, perturbador;
30. () Participa de tudo que o rodeia;
31. () É um dos mais admirados na sala;
32. () Revolta-se com controle excessivo;
33. () Prefere atividades novas às rotineiras;
34. () Gosta de atividades intelectuais;
35. () Tem habilidades artísticas;
36. () Aborrece-se com programa rotineiro;
37. () É persistente no que faz e gosta;
38. () Tem sempre idéias e soluções.

INDICADORES PARA OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

**Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento (CEDET) -
Lavras/MG.**

Indique em cada item os dois alunos de sua turma, menino ou menina, que, na sua opinião, apresentam as seguintes características:

1. Os melhores da turma nas áreas de linguagem, comunicação e expressão;
2. Os melhores nas áreas de matemática e ciências;
3. Os melhores nas áreas de arte e educação artística;
4. Os melhores em atividades extracurriculares;
5. Mais verbais falantes e conversadores;
6. Mais curiosos, interessados, perguntadores;
7. Mais participantes e presentes em tudo, dentro e fora da sala de aula;
8. Mais críticos com os outros e consigo próprios;
9. Memorizam, aprendem e fixam com facilidade;

10. Mais persistentes, compromissados, chegam ao fim do que fazem;
11. Mais independentes, iniciam o próprio trabalho e fazem sozinhos;
12. Entediados, desinteressados, mas não necessariamente atrasados;
13. Mais originais e criativos;
14. Mais sensíveis aos outros e bondosos para com os colegas;
15. Preocupados com o bem-estar dos outros;
16. Mais seguro e confiante em si;
17. Mais ativos, perspicazes, observadores;
18. Mais capazes de pensar e tirar conclusões;
19. Mais simpáticos e queridos pelos colegas;
20. Mais solitários e ignorados;
21. Mais levados, engraçados, arteiros;
22. Mais inteligentes e fluentes;
23. Com melhor desempenho em esportes e exercícios físicos;
24. Mais habilidosos em atividades manuais e motoras;
25. Mais rápidos em seu raciocínio, dando respostas inesperadas e pertinentes;
26. Capazes de liderar e passar energia própria para animar o grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Diretrizes gerais de atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/ superdotação e talentos.* Série Diretrizes, 10. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

GÜENTHER, Z.C. *Desenvolver capacidades e talentos. Um conceito de inclusão.* Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

GÜENTHER, Z.C. *Educando os mais capazes.* São Paulo: EPU, 2000.

SANTOS, O. de B. *Superdotados. Quem são? Onde estão?* São Paulo: Ed. Pioneira, 1988.

WINNER, Ellen. *Crianças superdotadas: mitos e realidades.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

9.2 FICHA DE INDICADORES PARA PROFESSORES – PRIMEIRO MÓDULO

CARACTERÍSTICAS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aluno (a): _____

Dentre as características mais comumente encontradas em crianças com AH/SD em idade pré-escolar conforme Cline e Schwartz (1999), Lewis e Louis (1991), destacam-se as abaixo relacionadas. Marque os itens que correspondem às características do (a) aluno (a) acima citado (a):

- () Alto grau de curiosidade
- () Boa memória
- () Atenção concentrada
- () Persistência
- () Independência e autonomia
- () Interesse por áreas e tópicos diversos
- () Aprendizagem rápida
- () Criatividade e imaginação
- () Iniciativa
- () Liderança
- () Vocabulário avançado para a sua idade cronológica
- () Riqueza de expressão verbal (elaboração e fluência de ideias)
- () Habilidade para considerar pontos de vistas de outras pessoas
- () Facilidade de interagir com crianças mais velhas ou com adultos
- () Habilidade para lidar com ideias abstratas
- () Habilidade para perceber discrepâncias entre ideias e pontos de vista
- () Interesse por livros e outras fontes de conhecimento
- () Alto nível de energia
- () Preferência por situações/objetos novos
- () Senso de humor
- () Originalidade para resolver problemas

Observação: _____

Responsável pelas informações: _____

Local e data: _____

Fonte: BRASIL (2006b).

9.3 PRIMEIRO TEXTO TRABALHADO NO SEGUNDO MÓDULO

1

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ATUAÇÃO DO NAAH/S - GO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO, ENCAMINHAMENTO E ACOMPANHAMENTO AO ALUNO SUPERDOTADO

Ivani Dolores dos Santos¹, Meire Luiza de Castro² e Silvia Lucia Rodrigues Oliveira³, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades Superdotação, e-mail: naahs.go@educ.go.gov.br

Resumo: Este relato tem por finalidade apresentar uma experiência de atendimento do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação de Goiás – NAAH/S - GO quanto ao processo de avaliação, encaminhamento e acompanhamento de um estudante Superdotado. A metodologia de avaliação e as propostas de atendimento utilizadas pelo NAAH/S - GO se baseiam em referenciais teóricos em Altas Habilidades e, nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Observa-se nesse trabalho a importância da avaliação e da identificação das potencialidades, dos interesses e das necessidades de um aluno superdotado enquanto processo de tomada de decisão no que tange ao atendimento de suas Necessidades Educacionais Especiais (NEEs) para que ele se sinta adequado, ajustado e, principalmente, desenvolva com qualidade e segurança, suas potencialidades. Desse modo, ressalta a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para que esses objetivos sejam alcançados.

Palavras chave: Avaliação. Atendimento. Superdotação.

Eixo temático: Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência apresenta o trabalho realizado pela equipe do Núcleo de Atividades de Altas de Habilidades/Superdotação (NAAH/S – GO), no processo de avaliação, encaminhamento e acompanhamento do estudante M. iniciado em agosto de 2016 por solicitação da mãe, tratada aqui por Maria, que nos relata que desde quando seu filho tinha 06 meses já apresentava ser diferente no modo de ser e de agir.

¹ Especialista em Saúde Pública - Instituto de Atualização Profissional e Assessoramento – IAPA; e Informática na Educação pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Graduação: Licenciatura em Língua Portuguesa - Universidade Federal de Goiás – UFG; e Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC.

² Mestranda em Ensino na Educação Básica – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – Universidade Federal de Goiás; Especialista em Psicopedagogia - Faculdade Sulamerica; Métodos e Técnicas de Ensino – Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Atendimento Especializado em AH/S – Faculdades Delta; Aperfeiçoamento Profissional em Educação Especial - Abordagens e Tendências na Área de AH/S – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Graduada em Educação Física - Universidade Estadual de Goiás.

³ Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino – Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Planejamento Educacional – Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Aperfeiçoamento Profissional em Educação Especial - Abordagens e Tendências na Área de AH/S – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará; Atendimento Especializado em AH/S – Faculdades Delta. Graduada em Letras - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Será relatado as angústias de Maria na busca da identificação das necessidades educacionais de seu filho, visto que desde quando iniciou sua trajetória escolar aos dois anos de idade, ele se apresentava à frente dos demais alunos quando comparado à idade/série. M. se sentia inadequado aos ambientes escolares, havia muitas reclamações por parte da criança, principalmente quanto às atividades promovidas na escola, pois ele sempre achava que eram muito fáceis e repetitivas. Estes incidentes fizeram com que Maria matriculasse M. em diversas escolas, porém em todas elas houve dificuldade de atendimento especializado que iria de encontro às potencialidades apresentadas por M.

Maria procurou o NAAH/S quando seu filho tinha apenas dois anos, porém na época o Núcleo só atendia crianças a partir dos seis anos. Assim, quando M. completou seis anos a mãe procurou novamente o NAAH/S, mas não temos registro do motivo pelo qual não foi realizada a avaliação neste ano. Quando M. estava no segundo ano, com sete anos, Maria novamente entrou em contato com o NAAH/S relatando que o filho apresentava várias dificuldades de adaptação ao sistema de ensino, com anseio por novos desafios, interesses variados em áreas de pesquisa, muito adiantado cognitivamente, porém, bastante desmotivado e sem interesse nas atividades escolares chegando a dizer que perdeu o interesse em ir para a escola, porque lá não aprendia nada.

A família de M. peregrinou por várias instituições em busca de avaliação e atendimento às necessidades de M. conforme comprovados em relatos significativos feitos durante a avaliação, relatando sobre o sofrimento da família por não encontrar apoio quanto ao atendimento adequado às NEEs de seu filho. Sobre esse aspecto, percebe-se a importância dos NAAH/S:

[...] pais de crianças e jovens com altas habilidades /superdotação podem se sentir isolados e sem apoio. Por isso, é imprescindível manter abertos os canais de comunicação entre família e escola. Atento a esta questão, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação propôs para os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação, além de unidades de atendimento ao professor e ao aluno, uma unidade de apoio à família visando prestar informação, orientação e suporte à família do aluno com potencial elevado. O objetivo deste trabalho é contribuir para que a família adquira uma melhor compreensão do comportamento do filho superdotado, seja uma parceira da escola no estímulo ao desenvolvimento das potencialidades da criança ou jovem com altas habilidades, promovendo o incremento das relações interpessoais nos contextos familiar e escolar (FLEITH (Org.), 2007, p. 09).

Foi nesse contexto que M. chegou ao Núcleo, e partindo da premissa que nosso trabalho compete à avaliação, encaminhamento e acompanhamento do estudante, e também orientar pais e professores quanto ao Plano de Desenvolvimento Individualizado, sendo as-

sim, foi procedida a avaliação embasados, principalmente nas Diretrizes Nacionais para a Educação Básica e em especialistas na área das Altas Habilidades/Superdotação - AH/S.

M, é nascido em Morrinhos no interior de Goiás, no dia 30/05/2009 a 131 Km de Goiânia, onde está situado o NAAH/S, porém, a distância não nos impossibilitou de proceder a avaliação e acompanhamento do atendimento do aluno. As proposições aqui descritas emergem da análise de dados reais, em consonância com o *Fluxograma de Atendimento*⁴, produzido pelo NAAH/S – GO. O fluxograma em questão direciona o processo de avaliação pautado em sugestões obtidas por diversos autores.

Especialistas como Yewchuk e Lupart (1993) recomendam que a identificação dos alunos para o AEE seja feita em dois estágios. No primeiro devem ser feitas entrevistas e testes para identificar o grau de inteligência, criatividade, nível de desempenho acadêmico e autoconceito do aluno, e entrevistados o professor e os pais a respeito das características e áreas de interesse do aluno. No segundo, o estudante é convidado para uma entrevista de longa duração, durante a qual ele realiza algumas atividades acadêmicas e todo o material escolar significativo é também examinado. Procura-se observar ainda como ele organiza, desenvolve ou lida com tarefas acadêmicas, identificando também seu estilo cognitivo pessoal de aprender e sua auto-percepção como aprendiz. Com base nos dois estágios, deve-se delinear um programa específico para o aluno, onde suas áreas fortes serão reforçadas e as fracas trabalhadas, com o auxílio dos pais e professores. (VIRGOLIM, 2007, p. 58).

O processo de investigação ocorreu a partir da coleta de dados do estudante, da família e da escola em diferentes etapas, lugares e situações, de acordo com os seguintes procedimentos: Acolhimento dos pais, entrevistas, sondagem da escola, avaliação psicopedagógica do estudante, estudo de caso, devolutiva das conclusões aos pais e orientações à escola. Os instrumentos utilizados foram: jogos de memória, leitura, cálculos, oratória, desenhos, pintura, etc., realizadas em dias alternados. Algumas atividades foram extraídas do livro “Toc Toc Plim Plim! Lidando com as emoções, brincando com o pensamento através da criatividade”. Outras atividades foram elaboradas pela própria equipe. As abordagens ocorreram de forma sistemática, seguindo os dispositivos legais e pedagógicos determinadas pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, pela Secretaria de Estado de Educação de Goiás – SEDUC e pelo NAAH/S - GO.

⁴ Este documento legitima o desenvolvimento das ações com respaldo nas Diretrizes Educacionais destinadas ao público alvo do Ensino Especial na área das Altas Habilidades/Superdotação - AH/S, embasamento teórico-metodológico na literatura especializada e na legislação que assegura o Atendimento Educacional Especializado - AEE para estudantes com indícios de AH/S; conforme as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura – MEC em consonância e Secretaria de Educação - SEE – Goiás.

Renzulli & Reis (1997) com base na teoria dos três anéis define a superdotação como comportamentos que resultam da confluência entre altas habilidades, criatividade e envolvimento com a tarefa. De acordo com os autores:

A teoria dos Três Anéis propõe uma análise mais abrangente e a avaliação para a identificação de Altas Habilidades/Superdotação se constitui de forma qualitativa, não apenas por testes de QI, mas pela observação do professor e da família que busca no estudante as características descritas no conceito e o encaminha para equipe técnica de avaliação (MOQUITTI, 2018)

Durante a avaliação foi percebida que as características apresentadas por M. estão claramente identificadas na literatura específica em AH/S. Segundo a definição de Renzulli (1976), as crianças com indícios de AH/S apresentam as seguintes características: Perfeccionismo; perceptividade; autoconsciência; perseverança; necessidade de entender e de estímulo mental; previsão e exatidão; tem senso de humor; sensibilidade/empatia; intensidade; não conformidade; questionamento da autoridade; intensidade emocional; paixão em aprender, e grande vocabulário. Desse modo, o superdotado gosta de perguntar e aprende com rapidez, gosta de longos períodos de concentração, tem boa memória, excelente raciocínio verbal e/ou numérico. É um consumidor de conhecimento e lê por prazer. Tende a agradar aos professores. Gosta de livros técnicos/ profissionais. Tem tendência para gostar do ambiente escolar. Necessitam de professores sensíveis aos seus intensos sentimentos de frustração, de paixão, de entusiasmo, de raiva e de desespero. Precisam do apoio dos adultos para persistir em suas tarefas ou para canalizar suas energias de forma mais eficiente. Demonstram perceptividade (insight) e capacidade de reflexão. Possuem senso agudo de justiça e imaginação vívida. Comprovado as características das AH/S, alguns autores explicam sobre o que observamos em M.:

Vários autores concordam que, em se tratando de crianças superdotadas, altos níveis de desenvolvimento cognitivo não necessariamente implicam em altos níveis de desenvolvimento afetivo (Clark, 1992; Neihart, Reis, Robinson & Moon, 2002; Silverman, 1993). Essas crianças são caracterizadas afetivamente por uma grande sensibilidade, proveniente da acumulação de uma quantidade maior de informações e emoções, captadas pela criança, do que ela pode absorver e processar. A informação emocional vem tanto de fora quanto de dentro da própria criança, a qual precisará aprender a aplicar suas capacidades cognitivas a este material, para que possa compreender seu mundo emocional. Um programa adequado deve dar oportunidades para que a criança tenha consciência dos seus aspectos emocionais, ajudando a aplicar suas habilidades verbais e de compreensão avançadas às suas experiências emocionais. A consciência social, que frequentemente aparece cedo no desenvolvimento destas crianças, torna-se uma oportunidade para se desenvolver nelas uma adequada estrutura de valores e de transformar valores em ações sociais. (apud VIRGOLIM, 2007, p. 44)

Diante de todas as características acima, constatou-se que M. apresenta indícios de AH/S, foi visto que o estudante demonstrou grande facilidade de aprendizagem, elevada

criatividade. Além disso, demonstrou grande envolvimento na aprendizagem e na realização de tarefas em áreas de seu interesse e potencial elevado nas áreas: intelectual, acadêmica, psicomotricidade e artes. Desse modo, foi sugerido a M. avanço de série, enriquecimento curricular, exploração das suas potencialidades por meio do AEE, tanto na sala regular com práticas pedagógicas diferenciadas quanto no ambiente familiar, garantindo assim, que suas potencialidades fossem trabalhadas. Isso contribuiria para que fossem mantidos o foco e o interesse nas diversas atividades de maneira que estimulem, potencializem e assegurem seu pleno desenvolvimento. Tais sugestões foram acatadas pela família e pela escola, sendo que o AEE na sala de recursos foi oferecido em uma escola próxima, sob a orientação do NAAH/S, visto que na escola municipal em que se encontrava matriculado, não possuía sala de recurso multifuncional. Sobre a necessidade de um ambiente propício ao desenvolvimento dos talentos Guenther (2006) ressalta:

[...] a capacidade e talento humano se desenvolvem, e se expressam em produção superior, desde que o potencial seja identificado, estimulado, acompanhado e orientado” (p.31). Sem estes fatores, sem dúvida, os talentos mais promissores em nossa sociedade serão desperdiçados. Este é um dos grandes desafios que teremos que enfrentar. (apud VIRGOLIM, 2007, p. 19)

Sobre o avanço de estudos a Legislação brasileira que trata da educação inclusiva reconhece os estudantes com indícios de AH/S, como especiais; propõe AEE e regulamenta a aceleração de série.

[...] A Resolução n.º 02/2001 estabeleceu ainda que: as escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: ...atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar. (BRASIL, 2001, Art. 8.º, IX).

O NAAH/S acompanhou todo o processo de enriquecimento escolar oferecido ao aluno M. por meio de e-mail, telefone e WhatsApp, e de acordo com a mãe, o filho ficou mais feliz na nova turma, porém ainda achando tudo muito fácil, seus interesses na área de matemática, por exemplo, estava em nível de crianças do ensino fundamental II. Mas os ganhos com o avanço foram significativos uma vez que além do avanço de série, M. também foi atendido na própria sala regular com atividades de enriquecimento onde desenvolvia suas capacidades, e também na sala de recursos multifuncional no contra turno em outra escola. Segue partes do relato da mãe informando sobre o avanço escolar de M.:

“(...) A aceleração indicada e acompanhada pela Equipe de Atendimento do NAAH/S foi muito positiva, ele está mais feliz, embora, reclame que ainda está muito fácil e

não vê a hora de ir para a 4ª série. Ele afirma que é chato ficar repetindo algo que já aprendeu e quer conteúdos novos. Quando aprende algo novo, conta tudo e fica radiante (...)

“(...) Ele brinca com os coleguinhas da 3ª série (acima da sua), com jogos de cartas, e eles pediam para ele somá-las no final do jogo, pois perceberam a sua habilidade em cálculos. Afirma que gosta da professora atual tanto quanto da anterior, mas tem medo de ficar perguntando por que ela não gosta. M. diz que ela é brava, mas engraçada e que gosta dela. Nem todos os professores estão preparados e à disposição para atender as curiosidades do meu filho. Isso não é novidade para nós. Por isso procuramos ajudar em casa com estímulos para que ele se desenvolva da melhor forma. Não temos boas condições financeiras, mas atenção e amor temos de sobra (...)”.

Sobre os atendimentos na Sala de Recurso Multifuncional, os atendimentos, ainda são restritos e geram muitas dúvidas sobre como proporcionar suplementação adequada ao desenvolvimento de capacidades. No caso de M. ele foi muito bem acolhido por sua professora e que muito se interessou pelo caso e buscou diversas alternativas para atendê-lo adequadamente, o sucesso foi imediato, pois logo percebeu as habilidades e interesses do aluno e juntos traçaram metas para os atendimentos. No primeiro momento a professora fez atividades para conhecer um pouco mais sobre suas capacidades, habilidades e interesses. Percebendo seu grande interesse por leitura, raciocínio lógico e desenho, elaborou um plano de desenvolvimento para M. que consistiu nos seguintes projetos: escrita e ilustração de um livro a partir de palestras de conscientização sobre a importância de cuidar e de manter a escola limpa que seria realizada pelo próprio aluno. Sabendo da paixão de M. pela disciplina de matemática, a referida professora sempre trabalhava, junto ao aluno, atividades de enriquecimento nesta área.

Sobre o AEE na Sala de Recurso a mãe relatou:

“(...) ele ama ir, e quando não tem, reclama. Frequentar as aulas do AEE tem feito muito bem a ele, ele está feliz e gosta muito da professora, fala que duas horas passam muito rápido lá.”

Faz se necessário ressaltar a importância do papel da família no desenvolvimento de M. que sempre o apoia e favore um ambiente estimulador de suas capacidades e talentos. Ao perceber a felicidade, interesse e paixão despertados durante os atendimentos na sala de recurso e das reclamações do filho quanto ao pouco tempo para desenvolver tudo o que queria, os pais criaram uma sala de recurso em sua própria casa e estreitaram comunicação entre a professora que o atendia, dando assim, continuidades aos projetos em casa também.

Enfim, após sua avaliação e o atendimento às suas necessidades individuais, M. concluiu o terceiro ano com muita satisfação e melhor desempenho.

Já no quarto ano M. teve vários problemas na sala regular causados pelo despreparo de sua professora regente o que gerou sua transferência para outra escola. Segue relatos de Maria:

“(...) M. foi promovido para a 4ª série. Às vezes a professora ficava irritada. Uma vez ele contou que foi designado para ensinar uma coleguinha, mas ela conversava muito e não estava interessada em aprender. Ele é quem foi chamado a atenção. A professora era muito rígida, não demonstrava carinho, colocava a sala toda de castigo, deixava sem recreio e dava excesso de tabuada para estudar em casa. Eu conversava muito com ele sobre não conversar na sala, mas ele sempre dizia que era muito difícil ficar duas horas sem abrir a boca. Conversava para responder ou perguntar rapidamente algo aos coleguinhas. A professora reclamou no Conselho de classe que ele perguntava demais. Afirmou que se ele fosse superdotado não deveria ficar perguntando e estava com dificuldades por ter sido acelerado(...)”

“(...) Os dois últimos dias foram a gota d'água para baixar a autoestima dele por ter ficado sem recreio. Já não estava feliz como antes por causa da viagem do pai para a Nova Zelândia, juntando com as atitudes repressoras da professora, o desempenho escolar dele caiu. Eu fiquei muito triste. ...”

“(...) Não queria vê-lo ser maltratado pela professora. Acredito que a criança é feliz num ambiente agradável, tratada como criança, aprende muito mais do que quando sufocada pelo medo da professora (...).”

“(...) Se a professora desde o início tivesse aceitado fazer o atendimento com o apoio do NAAH/S - GO poderia ter enviado o relatório dela conforme foi solicitado pela equipe e não enviou. Acho que estava sendo exigido dele mais do que das outras crianças, por ter sido acelerado (...).”

“(...) Por estes motivos, tive que mudá-lo de escola. Agora ele está numa escola municipal que conta com uma diretora de mente aberta para aceleração. A escola tem sala de recurso multifuncional e conta com professora de AEE. O professor da sala regular é educado e com boas referências (...).”

Na escola atual, onde finalizou o quarto ano, M. foi muito bem atendido em suas necessidades e potencialidades. O professor regente percebendo suas diferenças no modo de aprender ofereceu a ele suplementação escolar, permitiu que ele realizasse atividades a

nível mais elevado e que fizesse atividades de seu interesse quando terminava as atividades propostas a todos os alunos.

Sobre o este professor regente Maria conta:

“(...) é um professor muito sensível e que colabora com o desenvolvimento de M. sempre o colocando para ajuda-lo e permitindo que M. faça atividades a nível mais avançado (...)”.

“(...) graças a Deus meu filho é querido e sempre chega em casa muito feliz. Na escola tem um campo de futebol onde joga bola todos os dias e tem aulas de educação física. O professor leva os alunos para uma quadra próxima, às quintas-feiras para aula de educação física. M. sempre teve mania de corrigir os professores e quando o professor atual erra e M. corrige, ela não fica zangado, diz que fica admirado com a perspicácia dele (...)”.

Em meados de agosto de 2017, Maria informou à escola e ao NAAH/S que a família se mudaria para Nova Zelândia. Tal mudança a estava deixando muito angustiada, pois M. estava muito feliz na escola atual.

O ano letivo foi finalizado com muito sucesso por M. graças ao acolhimento de todos os integrantes da escola que proporcionaram um ambiente estimulador e propício ao seu desenvolvimento integral.

Então, em dezembro de 2017, Maria e seu filho M. se mudam para Nova Zelândia; mas não perdemos o contato com ambos. Ela sempre nos informa sobre o desenvolvimento de M., por meio de e-mail e WhatsApp. Em um de seus e-mails relatou:

“(...) Meu esposo veio nos buscar para morarmos na Nova Zelândia e mais uma vez outra mudança de escola. Confesso que tive muito receio, mas a adaptação dele aqui está sendo mais rápida que imaginávamos. Eu e meu esposo estamos felizes em ver nosso filho bem. Na Nova Zelândia os estudantes ao chegarem na sala de aula têm vinte minutos para fazerem o que quiserem: conversar com o colega, sair, brincar no parquinho, ler um livro etc. M. pediu para desenhar dinossauros e algumas crianças ficaram admiradas ao verem seu desempenho. Mesmo não entendendo tudo que o professor falava, ele conseguiu aprender um jogo de bingo em inglês e acertou vários pontos. Ele conseguiu, também entender um vídeo de exercícios de relaxamento. Saiu da escola contando os detalhes e afirmou que foi um dos dias mais felizes da vida dele(...)”

Em um outro e-mail Maria relatou que na Nova Zelândia os professores são mais habilidosos no atendimento de todos os estudantes e na utilização de técnicas pedagógicas mais lúdicas e eficientes.

“(...) Recebeu elogios dos professores”. Fizeram ditados e mesmo sem dominar o idioma inglês acertou 85%. Fiquei admirada, está mais rápido que imaginei. As professoras de artes ficaram encantadas com os desenhos dele. Está se destacando rapidamente. Por um lado um alívio, por outro uma preocupação, pois quando ele falar Inglês fluentemente, com certeza aprenderá muito mais rápido que as outras crianças. Ele já falou que não quer ser acelerado aqui, pois adora o professor e as outras crianças. Ele fala muito bem do professor dizendo que ele tem muita paciência. Não dão tarefas para casa e mandam livros para as crianças lerem. Não tem provas e não repetem o ano. As avaliações do desempenho são feitas individualmente. Oferecem campeonatos esportivos durante o ano, e as crianças escolhem a área em que querem participar.

Maria nos informou também que já no primeiro bimestre, M. se destacou nas atividades acadêmicas e recebeu vários certificados de aluno destaque:

“(...) M. logo foi reconhecido por suas potencialidades e na primeira reunião de pais fomos pegos de surpresa ao ver exposto “Certificado de Criança em Destaque da Sala”. No saguão de entrada são afixados os certificados dos três estudantes melhores do mês. Fiquei muito feliz por ele ter sido reconhecido tão rápido. Fui falar com o professor e ele me disse que meu filho tem uma inteligência incrível, excelente raciocínio e que aprende muito rápido. Precisa sempre dar atividades extras e mais difíceis. Eu não imaginava que na primeira reunião ouviria tantas coisas boas sobre ele (...)”.

Segundo Maria, M. está apresentando desenvolvimento satisfatório, uma vez que, na escola na Nova Zelândia é oferecido o AEE em AH/S e que M. foi inserido no programa de atendimento a estudantes superdotados (lá, utilizam o termo “aluno talentoso”). Ela também afirmou fazer questão da continuidade do acompanhamento do filho pelo NAAH/S – GO, mesmo residindo num país distante onde o filho recebe atendimento de qualidade. A Equipe NAAH/S prossegue acompanhando a família via e-mail e WhatsApp.

Considerações Finais

As considerações deliberadas estão vinculadas à relação entre teoria & prática e aplicação dos princípios teóricos da educação inclusiva. Famílias e educadores devem estar sempre atentos e preparados para reconhecer o perfil de estudantes com indícios de AH/S. E, após a identificação destes indícios, oferecer desafios estimulantes na área de interesse do estudante e possibilitar inovações para o enriquecimento de suas habilidades notáveis e talentos, além do respeito as diferenças individuais.

Espera-se que as discussões propostas possam contribuir para dar maior visibilidade ao sofrimento de muitas famílias e principalmente dos estudantes com indícios de AH/S, considerados ainda invisíveis nas escolas em decorrência do desconhecimento acerca da importância do AEE e do atendimento de suas NEEs.

Portanto, reitera-se a relevância deste relato de experiência para fins de estudos, dada a riqueza de dados catalogados, empenho da família e a descrição real das dificuldades encontradas pelas escolas quanto ao atendimento das NEEs de estudantes com indícios de AH/S.

As devolutivas ocorreram em forma de pareceres, relatórios, conversas informais e/ou atendimentos à família e à escola. Todo o processo consistiu em oportunizar ao estudante M. o acesso a uma educação que supra suas NEEs já que a equipe considerou que ele apresenta maiores potencialidades e habilidades gerais de conhecimento que as demais crianças da sua idade. Neste sentido foram elaborados dois documentos para validação do trabalho desenvolvido para com o aluno em questão, o primeiro foi intitulado “Relatório Único” e o segundo “Declaração”. No primeiro consta os relatos da família, as observações verificadas e as sugestões de atendimentos a serem feitas pela família e pela escola por meio de AEE, enriquecimento escolar, aceleração de série, criação de ambiente cultural familiar adequado e outras sugestões, no sentido de favorecer o seu desenvolvimento. O segundo refere-se aos procedimentos realizados, e às considerações da equipe e ao encaminhamento para o AEE. Ambos os documentos foram encaminhados à escola e à mãe. E, salientou-se que as prerrogativas dos referidos documentos não são para rotular ou normalizar o aluno em questão, mas para favorecer o atendimento das suas NEEs de forma tal que, ele seja estimulado para o benefício próprio das suas habilidades intelectuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Saberes e Práticas da Inclusão**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília – DF – 2006.

FLEITH, Denise de Souza e Colaboradores. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação. Vol.1. Orientação a Professores**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

FLEITH, Denise de Souza e Colaboradores. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação. Vol.2. Atividades de Estimulação de Alunos**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

GUENTHER, Z. C. **Capacidade e talento: um programa para a escola**. São Paulo – SP, ed. EPU, 2007.

MOQUIUTI, Ferreira Luzio Marcela. **A avaliação para identificação de altas habilidades/superdotação das escolas estaduais de Campo Grande – Uma reflexão sobre a responsabilidade no parecer técnico**. Anais Eletrônicos. III JORNADA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM / III ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE MESTRADO PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO E LETRAS E XII JORNADA DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL, 06/2018. Mato Grosso do Sul: UMES/PROFEDUC, 2018. Disponível em <https://anaisonline.uems.br/index.php/jornadaeducacao/article/view/4861>

ROPOLI, Edilene Aparecida, MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira e MACHADO, Rosângela. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – A Escola Comum Inclusiva**. Coleção “A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar”. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceará, 2010.

VALLE, Bertha de Borja Reis e COSTA, Marly de Abreu. **Políticas públicas em educação**. v.1, Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

VIRGOLIM, Ângela M. F.(org.) **Altas Habilidades / Superdotação – Encorajando Potenciais**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

9.4 SEGUNDO TEXTO TRABALHADO NO SEGUNDO MÓDULO

64

criança, maior será a assincronia. Com o passar do tempo, as assincronias se tornam menos marcantes e as adaptações mais fáceis.

As escolas, de uma forma geral, estão preparadas para trabalhar com turmas homogêneas: as crianças têm a mesma idade e, portanto, os profissionais concluem que terão os mesmos ritmos de aprendizagem. Assim, o currículo é planejado de tal forma que o mesmo conteúdo, a mesma metodologia e os mesmos materiais sejam oferecidos a todos os alunos, na expectativa de que todos produzam, em troca, os mesmos produtos, os mesmos resultados. Isto parece ser a regra, desde as primeiras etapas da educação, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares. No entanto, sabe-se que, mesmo comparando-se crianças que não apresentam especiais diferenças no seu desenvolvimento, seus ritmos individuais são diferentes. Maiores são os problemas das crianças com necessidades educacionais especiais cujas diferenças são ainda mais marcantes.

Porém sabe-se também que é possível planejar, dentro de uma mesma sala de aula, adaptações curriculares que atenderão tanto as crianças mais rápidas quanto aquelas que aprendem mais lentamente. É possível oferecer uma suplementação curricular para aqueles que já sabem o conteúdo que os outros devem aprender, ou que aprendem mais rápido do que seus pares em idade, da mesma forma que é possível fazer adaptações curriculares para aqueles que não têm condições de cumprir todo o conteúdo no tempo determinado para seus pares. Contudo isto requer, sobretudo quando a escola se propõe, pela primeira vez, a ser inclusiva, bastante empenho de seus profissionais, bem como compreensão e apoio das famílias. Assim, os papéis que cabem à família

de alunos de altas habilidades/superdotação, nessa parceria, são o de demanda e o de apoio - demanda de suplementação curricular para seus filhos, e apoio ao corpo docente e à administração da escola, que se propõem a fazer as adaptações necessárias. Por outro lado, cabe à escola fazer adaptações reais, que de fato promovam uma mudança no programa educacional do aluno.

Os Anos da Educação Infantil

Uma das características da criança com altas habilidades/superdotação é a precocidade. Algumas andam muito cedo, falam muito cedo, aprendem a ler ou a contar em tenra idade, outros são capazes de tocar instrumentos musicais antes mesmo de completar 3 ou 4 anos de idade ou de desenhar a figura humana antes dos 3 anos. O que caracteriza as crianças ditas precoces é o fato de que apresentam um desenvolvimento avançado. Além disso, apresentam um desenvolvimento que é qualitativamente diferente: aprendem sem que ninguém as ensine, têm uma memória extraordinária, usam vocabulário sofisticado, são extremamente curiosas e buscam explicações para tudo. As crianças precoces, ao entrarem para o Maternal ou o Jardim de Infância, muitas vezes apresentam uma área de seu desenvolvimento que se compara ao de crianças dois, três ou quatro anos mais velhas. Às vezes seus pais se dão conta da precocidade, às vezes não. Às vezes alertam a escola, às vezes não.

Pais de primogênitos com altas habilidades/superdotação muitas vezes não se dão conta de que seus filhos são mais avançados do que a média, até que os vêem na companhia de outras crianças da

mesma idade, o que geralmente ocorre quando as crianças entram para a escola e começam a conviver com outras. Nesse momento, não só eles percebem as diferenças, mas começam a notar que os outros pais desconfiam de que eles passam o tempo todo "treinando" seus filhos em casa. E não são apenas os outros pais, os profissionais da escola também parecem suspeitar de treinamentos sistemáticos. No entanto, os pais bem sabem que as aprendizagens ocorreram sem que eles se dessem conta. A bem da verdade, muitos deles achavam normal que as crianças perguntassem tanto, ou fossem tão rápidas nos seus raciocínios e nas suas aprendizagens.

A precocidade é mais frequentemente notada nas áreas acadêmicas - linguagem e matemática - e nas áreas artísticas - artes visuais e música. Segundo Winner (1998), a razão pela qual essas áreas atraem mais as crianças pequenas pode ser porque são áreas altamente estruturadas, regidas por regras e que não dependem de vastos conhecimentos acumulados. No entanto, a autora afirma que há outras áreas em que a precocidade tem sido identificada: xadrez, balé, ginástica, patinação, tênis, natação e teatro. Qualquer que seja a área da precocidade, é importante que as crianças participem de programas de educação infantil que reconheçam o seu avanço e permitam que continuem se desenvolvendo no seu ritmo individual.

Porém muitos pais optam por não dizer nada na escola, por medo de serem taxados de pretenciosos, exibidos, dotados de imaginação fértil, à caça de privilégios para seus filhos, e assim por diante. Assim, se calam, na expectativa - ou esperança - de que talvez seja mesmo sua imaginação ou que, aos poucos, as diferenças desapareçam. Mas elas

teimam em não desaparecer, especialmente quando as crianças são pequeninas, pois ainda desconhecem os preconceitos da sociedade e, com muita naturalidade, exibem seus talentos, suas habilidades, seu comportamento desigual. Foi assim que um dia, uma criança de 2 anos e meio estava febril, e sua professora foi à procura da caixa de primeiros socorros para dar-lhe um antitérmico. Em pé, ao lado da professora, a pequenina leu: "aspirina, tilenol, novalgina ..." e sua professora levou um susto. Não tinha a menor idéia de que a menina já sabia ler.

Num dado momento, a família começa a perceber que a criança já não quer ir à escola. Não gosta das atividades que faz lá e parece não ter amiguinhos. Os pais, então, buscam a escola, à procura de alguma mudança que possa dar à criança o interesse e o prazer perdidos. Aí deve começar a negociação. O que é possível fazer para mudar o programa de uma criança precoce na Educação Infantil?

Certamente qualquer atendimento especializado deve se iniciar pela avaliação da



criança. As escolas têm possibilidades de avaliar a criança precoce a partir das comparações entre seu desenvolvimento e o daquelas crianças da mesma idade. Assim, constatam as áreas em que ela apresenta um desenvolvimento avançado e aquelas em que o desenvolvimento está dentro dos padrões da maioria. Podem também solicitar uma avaliação feita fora da escola, por especialista no assunto. A avaliação garantirá que o foco do atendimento especializado seja nas áreas avançadas.

Um erro clássico é pensar que todas as áreas de desenvolvimento devem estar sincronizadas e que, uma vez que o domínio em uma área está avançado, é necessário trabalho árduo nas outras, para que a criança possa apresentar um desenvolvimento harmonioso, ainda que fora dos padrões da idade. Isto não é possível. Também é impossível "segurar" o desenvolvimento das áreas precoces, na espera de que as outras áreas se desenvolvam.

Assim, é necessário que se planejem atividades que atendam às habilidades do aluno, mas que, por outro lado, dispensem outras que, em crianças com desenvolvimento típico, costumam acompanhar as primeiras. É o caso da criança de 2 ou 3 anos que lê, mas que não tem a necessária coordenação para escrever, ou a criança que já soma de cabeça, mas desconhece a soma armada, na forma tradicional da aritmética dos primeiros anos da escolaridade formal. Ela não deve ser obrigada a desenvolver a coordenação motora de uma criança mais velha, ou a utilizar as formas padronizadas de expressar as contas. Aos poucos, ela desenvolverá as outras áreas.

Algumas estratégias que podem facilitar a suplementação curricular na Educação Infantil são:

- ▶ Antes de mais nada, reconhecer a área de precocidade;
- ▶ Adiantar o aluno um nível, para que as diferenças entre o seu comportamento e o de seus coleguinhas não sejam tão profundas;
- ▶ Oferecer atividades educacionais diferentes daquelas que são oferecidas a seus pares, na área da precocidade;
- ▶ Permitir que o aluno frequente alguma aula que é normalmente oferecida para crianças mais velhas, tais como uma segunda língua ou informática, na companhia de outra turma que não a sua;
- ▶ Quando a criança já lê antes do ensino formal da leitura, permitir que salte a classe em que se dá a alfabetização;
- ▶ Aumentar os desafios através de jogos de lógica, de leitura ou outros ligados à área da precocidade;
- ▶ Possibilitar o envolvimento de um dos pais com a rotina da escola, para diminuir o impacto das demandas que a criança com altas habilidades/superdotação impõe aos profissionais da escola;
- ▶ Criar mais opções para a criança que passa o dia todo na instituição - no caso da creche/escola - uma vez que ela tem ainda mais necessidade das suplementações, por ter o contato com os familiares praticamente limitado ao final de semana.

A parceria entre a família e a escola deve ser estabelecida por meio de contatos abertos, francos e honestos, de modo que os dois lados tenham, em comum, o objetivo de oferecer ao pré-escolar as melhores oportunidades de desenvolvimento de seu potencial, facilitando o prazer pela aprendizagem

65

e a alegria da descoberta. Para que isso se dê, é necessário que se encare a tarefa como um desafio, em que as possibilidades são infinitas e as respostas não estão previamente definidas, mas cujo objetivo seja sempre a oferta de caminhos múltiplos para o desenvolvimento do aluno e de suas habilidades.

Primeiro Segmento do Ensino Fundamental

O aluno com altas habilidades/superdotação com talentos especiais nas áreas acadêmicas - principalmente linguagem e lógica - necessita de desafios acadêmicos para que suas habilidades se desenvolvam apropriadamente. Quando este aluno participa de ambientes acadêmicos em que não há desafios apropriados, ele se habitua a aprender pouco e desiste da possibilidade de aprender mais e de se superar (Rogers, 2002). É importantíssimo que a família busque ambientes onde possam ocorrer verdadeiras aprendizagens e aprofundamentos, especialmente nas áreas de talento. Para isso, as bases da parceria entre família e escola devem ser fortalecidas a partir do momento em que o aluno inicia sua trajetória na escola formal.

Uma vez iniciada a educação formal, importantes adaptações são necessárias. Essencialmente, durante o primeiro segmento do Ensino Fundamental, ou seja, o período de 1ª à 4ª série, os alunos aprendem a ler e escrever, a cada ano de forma um pouco mais complexa, e as quatro operações aritméticas. Fora isso, aprendem um pouco de ciências, estudos sociais e projetos específicos de cada escola. O aluno com talentos acadêmicos tem grande facilidade para ler e entender o conteúdo

do que lê e/ou tem grande facilidade com a lógica, o que facilita o aprendizado de aritmética. Assim, geralmente lê com grande compreensão dos textos e, por ler muito e ter grande curiosidade, escreve textos com vocabulário rico e variado. Ou ainda, se o talento está especialmente na área da lógica, as quatro operações são compreendidas muito rapidamente e as atividades de matemática se tornam repetitivas e desprovidas de atrativos.

De maneira geral, as adaptações que devem ser solicitadas às escolas se referem à aceleração e ao enriquecimento dos conteúdos. Os programas de aceleração caracterizam-se por adiantar os alunos, fazendo-os saltar séries ou adiantar-se em apenas uma ou algumas matérias. A justificativa para a aceleração é o fato de que o aluno já sabe todo o conteúdo que será dado naquela série, ou naquela matéria específica. A opção de saltar séries põe menos demanda na escola, ficando a responsabilidade de adaptar-se a um conteúdo mais complexo em todas as matérias entregue ao aluno. Porém existe um limite quanto ao número de séries que um aluno deve ou pode saltar: por vezes, é necessário evitar problemas que advêm da convivência com pares extremamente mais velhos. Quando o aluno apenas se adianta em uma matéria, por exemplo, a matemática, ele pode estar na 3ª série, cursando matemática com a turma de 4ª ou 5ª série. Para que isto seja feito, a escola necessita organizar as turmas de tal forma que haja coincidência de horários de matemática de 3ª e de 4ª ou 5ª séries. Não é um problema de difícil solução.

Certa vez, uma menina precoce, com talentos acadêmicos, por saber ler e escrever com grande competência, saltou o Jardim III e a Classe de

Alfabetização e entrou para a 1ª série aos 5 anos. Cursou a série toda com notas excelentes, embora fosse dois anos mais nova do que a grande maioria dos seus colegas. Quando iniciou a 2ª série, perguntou à sua mãe por que tinha que aprender de novo tudo que já havia aprendido na 1ª série. Na verdade, os textos eram mais difíceis e os problemas de matemática mais complexos, mas para ela estava estudando a mesma coisa. A opção de saltar mais uma série não parecia viável. A escola tinha que propor algo diferente - o enriquecimento.

O enriquecimento é feito para que o aluno possa, por um lado, aprender os conteúdos em maior profundidade e, por outro, estudar assuntos que vão além dos determinados no currículo regular. O enriquecimento exige dos professores e demais profissionais da escola uma habilidade maior - a de diversificar as atividades dentro da própria sala de aula. Como os alunos com talentos acadêmicos geralmente têm muita habilidade na leitura, essas suplementações são freqüentemente feitas em estudos sociais, ciências ou literatura, por meio de estudos independentes de assuntos do interesse dos alunos. Cabe ao profissional selecionar os textos, em nível de leitura compatível com a habilidade do aluno em questão, e planejar atividades que o aluno possa fazer de forma independente ou semi-independente, enquanto a turma se ocupa com atividades demasiadamente fáceis e desprovidas de desafios para ele. As trocas entre escola e família auxiliam na busca por assuntos de interesse do aluno e no monitoramento do seu empenho e aproveitamento.

Outra adaptação viável é a substituição de aulas com conteúdos que os alunos já dominam por aulas de outras matérias, oferecidas em séries mais

9.5 TERCEIRO TEXTO TRABALHADO NO SEGUNDO MÓDULO

O PROFESSOR NOS DIAS DE HOJE. PRESENTE E O FUTURO. QUE PROFESSOR FORMAR E O QUE OFERECER AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES

Aqueles que se vêm reforçados, encorajados e admirados pelos seus comportamentos inteligentes sentem-se com mais valor social. Pensamos, juntamente com Almeida (1994), Sternberg e Williams (1998), Gardner(1995), (Mettrau, 2000) e inúmeros outros autores, que a inteligência não é somente uma propriedade individual, mas um processo relacional entre o indivíduo e os seus companheiros que constroem e organizam, juntos, as suas ações sobre o meio ambiente (Mettrau, 1995).

Os comportamentos ou manifestações inteligentes em seus aspectos: cognitivos, criativos e afetivos estarão sempre presentes na produção de qualquer pessoa e também na dos portadores de altas habilidades, seja esta produção intelectual, propriamente dita, artística, científica, tecnológica, educacional ou outra.

O criar, o conhecer e o sentir são as diferentes expressões da inteligência de variadas maneiras e formas porque ele é capaz de criar (criação), perceber e reconhecer o que cria (cognição), e sentir emoções acerca de... (Mettrau, 1995).

Assim, o que distinguiria os talentos não seria, necessariamente, a sua rapidez na execução, mas o manejo correto de descoberta (insight), para a solução das tarefas. A criatividade e a motivação são incluídas na expressão geral da inteligência, uma vez que ela não é percebida como um atributo unidimensional e sim em múltiplas óticas e direções que se diferenciam não só de um grupo para outro, como também de pessoa a pessoa (Mettrau, 1995).

A Escola pode propor atividades usuais, interessantes e desafiadoras para perceber os talentosos e os portadores de altas habilidades baseadas na observação, comparação, resumo, classificação, interpretação, crítica,

suposição, imaginação, obtenção e organização de dados, hipóteses, aplicação de fatos e princípios a novas situações, decisões, planejamento de situações e codificação. As possibilidades acima indicadas pertencem às sugestões metodológicas de Raths e outros (1977). Podem ser utilizadas da Educação Básica por meio de tarefas e ações interessantes, lúdicas e prazerosas com apoio de textos de jornal, revistas, temas televisivos, filmes, etc.

Estas situações tanto poderão ser oferecidas pelo mediador / dinamizador ou professor quanto poderão ser criadas pelos alunos vivendo um verdadeiro laboratório de flexibilidade pensamento onde o vínculo afetivo será a prioridade.

Após a realização de todas ou algumas das propostas agrupadas far-se-á sempre uma avaliação dirigida para os estilos de aprendizagem, isto é: como realizaram as tarefas; o que mais gostaram ou não; que aspectos foram mais fáceis ou mais difíceis. Cada um externará seu pensamento demonstrando as várias maneiras e caminhos de aprender para lidar melhor com as diferenças.

Sugere-se, ainda, a ampla utilização de histórias, contos, mitos, poemas, músicas e jogos para uma revisão e análise desses novos usos. Finalmente relembro a importância do brincar (Mettrau, 1996) e a extensa gama de possibilidades que o jogo oferece em todas as idades. Há enorme variedade deles no mercado, variando em objetivos, idades e preços; devem, portanto, fazer parte rotineira de qualquer classe.

É muito interessante a confecção artesanal de brinquedos e jogos ampliando e modificando suas formas e regras. Estas são formas de agir que levam a organização das formas de pensar e de aprender. É a hora de usar o “mesão” ou o chão da sala de aula.

Finalizando o professor dedicado à questão de ensinar a todos e também aos alunos com altas habilidades deve lembrar-se que não existe só o funcionamento cognitivo, mas, também, o afetivo e o criativo, todos em interação social dinâmica e contínua numa sala de aula.

É pela via da sensibilidade (afetividade) que melhor e mais profundamente podemos atingir os alunos com altas habilidades, pois, usualmente, eles já demonstram uma cognição expandida.

Após vinte anos de trabalhos e pesquisas ininterruptos com eles e suas famílias penso poder afirmar que a afetividade e a sensibilidade deles são e o elo mais forte e mais difícil de serem atingidos.

9.6 TEXTO DO TERCEIRO MÓDULO

CURRÍCULO ESCOLAR

A aprendizagem escolar está diretamente vinculada ao currículo, organizado para orientar, dentre outros, os diversos níveis de ensino e as ações docentes.

O conceito de currículo é difícil de estabelecer, em face dos diversos ângulos envolvidos. É central para a escola e associa-se à própria identidade da instituição escolar, à sua organização e funcionamento e ao papel que exerce - ou deveria exercer - a partir das aspirações e expectativas da sociedade e da cultura em que se insere.

Contém as experiências, bem como a sua planificação no âmbito da escola, colocada à disposição dos alunos visando a potencializar o seu desenvolvimento integral, a sua aprendizagem e a capacidade de conviver de forma produtiva e construtiva na sociedade.

Essas experiências representam, em sentido mais amplo, o que o currículo exprime e buscam concretizar as intenções dos sistemas educacionais e o plano cultural que eles personalizam (no âmbito das instituições escolares) como modelo ideal de escola defendido pela sociedade.

Nessa concepção, o currículo é construído a partir do projeto pedagógico da escola e viabiliza a sua operacionalização, orientando as atividades educativas, as formas de executá-las e definindo suas finalidades. Assim, pode ser visto como um guia sugerido sobre o que, quando e como ensinar; o que, como e quando avaliar.

A concepção de currículo inclui, portanto, desde os aspectos básicos que envolvem os fundamentos filosóficos e sociopolíticos da educação até os marcos teóricos e referenciais técnicos e tecnológicos que a concretizam na sala de aula. Relaciona princípios e operacionalização, teoria e prática, planejamento e ação.

Essas noções de projeto pedagógico da escola e de concepção curricular estão intimamente ligadas à educação para todos que se almeja conquistar.

Em última instância, viabilizam a sua concretização. O projeto pedagógico tem um caráter político e cultural e reflete os interesses, as aspirações, as dúvidas e as expectativas da comunidade escolar. Devem encontrar reflexo na cultura escolar e na expressão dessa cultura, ou seja, no currículo.

A escola para todos requer uma dinamicidade curricular que permita ajustar o fazer pedagógico às necessidades dos alunos.

Ver as necessidades especiais dos alunos atendidas no âmbito da escola regular requer que os sistemas educacionais modifiquem, não apenas as suas atitudes e expectativas em relação a esses alunos, mas, também, que se organizem para constituir uma real escola para todos, que dê conta dessas especificidades.

O projeto pedagógico da escola, como ponto de referência para definir a prática escolar, deve orientar a operacionalização do currículo, como um recurso para promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, considerando-se os seguintes aspectos:

- a atitude favorável da escola para diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos;
- a identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação;
- a adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículo;
- a flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola, para atender à demanda diversificada dos alunos;
- a possibilidade de incluir professores especializados, serviços de apoio e outros, não convencionais, para favorecer o processo educacional.

Essa concepção coloca em destaque a adequação curricular como um elemento dinâmico da educação para todos e a sua viabilização para os alunos com necessidades educacionais especiais: não se fixar no que de especial possa ter a educação dos alunos, mas flexibilizar a prática educacional para atender a todos e propiciar seu progresso em função de suas possibilidades e diferenças individuais.

Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante.

2. Disputa de idéias (40 min.)

O formador deverá dividir o grupo de participantes em dois times. Um deles deverá defender o conteúdo do texto lido. O outro, deverá desqualificar o conteúdo desse texto, de forma que a cada defesa corresponda uma ou mais desqualificações.

9.7 RECURSOS ONLINE

Vídeo do Primeiro Módulo:

<https://www.youtube.com/watch?v=YqnJ9GpvdE>

Slides do Segundo Módulo:

http://www.mediafire.com/file/4uk83yak8656yeo/APRESENTA%25C3%2587AO_M_Z.pptx/file

Arquivos completos do MEC:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab1.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab3.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab4.pdf>

9.8 MATERIAIS ADICIONAIS

Slides sobre Identificação da Superdotação:

http://www.mediafire.com/file/ba9olbh6yb01v7y/Superdotado_identifica%25C3%25A7%25C3%25A3o.pptx/file

Slides sobre o AEE para Superdotação:

http://www.mediafire.com/file/hnix8a0209quue0/ALTERNATIVAS_DE_AEE.pptx/file

Ebook sobre Altas Habilidades:

https://conbrasd.org/docs/2_PUBLICACAO/E_BOOK_10_PERGUNTAS_E_RESPOSTAS_SUPERDOTACAO_PG_GFL.PDF

Ebook sobre Precocidade na Educação Infantil:

<https://pedrojoaoeditores.com/2019/06/16/altas-habilidades-superdotacao-a-intervencao-educacional-na-precocidade-a-partir-da-teoria-das-inteligencias-multiplas/>

Site do Conselho Brasileiro para Superdotação:

<https://conbrasd.org/>

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação.** SEESP/MEC (coord.). 2. ed., Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 143p. (Série Saberes e práticas da inclusão).

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** 2007. [Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao ministro da Educação em 7 de janeiro de 2008]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018 Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 11 ago. 2020.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP 2001.

_____. Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. 9p.

FLEITH, D. de S. **Educação infantil: saberes e práticas de inclusão: altas habilidades/superdotação.** 4 ed. Brasília: MEC/SEE, 2006. 26 p.

GAMA, M. C. S. S. Parceria entre a família e a escola. In: FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: O Aluno e a Família.** Brasília: MEC/SEE, 2007. cap. 4, p. 61 – 73.

GUENTHER, Z. **Capacidade e Talento: um programa para a escola.** São Paulo: EPU, 2006.

PÉREZ, S. G. P. B. E que nome daremos à criança. In: MOREIRA, L. C; STOLTZ, T. (Coord.). **Altas Habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação.** Curitiba: Juruá, 2012, cap. 2, p. 65-41.

RENZULLI, J. S. What makes giftedness? Reexamining a definition. **Phi Delta Kappa**, v. 60, p. 180-184, 1978. Disponível em: <https://gseuphsdlibrary.files.wordpress.com/2013/03/what-makes-giftedness.pdf> Acesso em: 20 abr. 2020.

_____, J. S. Reexaminando o papel da educação para superdotados e o desenvolvimento de talentos para o Século XXI: uma abordagem teórica em quatro partes. In: VIRGOLIM, A. M. R. (Org.). **Altas Habilidades/Superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais.** Curitiba: Juruá, 2018. cap. 1, p.19 - 42.

SANTOS, Ivani Dolores dos; CASTRO, Meire Luiza de; OLIVEIRA, Silvia Lucia Rodrigues. **Relato de experiência: atuação do NAAH/S - Go no processo de avaliação, encaminhamento e acompanhamento ao aluno superdotado.** I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PARA ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 9 e 10 de agosto de 2019.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidades/superdotação** – encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.